

## 1 INTRODUÇÃO

A cultura sempre esteve presente na vida do ser humano, desde o seu nascimento até a morte. São diversas as formas de ver e analisar o conceito cultura e a forma como ela é consumida.

O trabalho realizado pelo Sesc no estado de São Paulo sempre foi muito reconhecido e desde que implantado na cidade de Presidente Prudente, a partir deste momento tem trazido benefícios para toda a população, de pessoas de todas as idades e classes sociais. As atividades culturais se expandiram ao longo dos dois anos de existência da unidade na cidade e continuam, até hoje, também aliando-se a grandes eventos como o Fentepp e a Virada Cultural Paulista.

A presente pesquisa desenvolve-se a partir da criação de um suplemento impresso tamanho *berliner* que abordasse toda a história do Sesc Prudente, focada na ação cultural na cidade, o público formado durante o tempo os dois primeiros anos, a diversidade cultural apresentada em cada show, a educação do teatro infantil, aulas e workshops gratuitos ou com preços acessíveis à população.

O trabalho realiza um resgate da produção cultural do Sesc, identificando a contribuição da instituição para a cultura local; analisar seu papel quanto ao incentivo cultural, a democratização do acesso à cultura; e vivenciar técnicas do jornalismo.

O foco do trabalho se desenvolve por meio da pesquisa qualitativa e da análise de conteúdo através de coleta de dados que baseia-se em pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevista do tipo semi-aberta.

O TCC está dividido em duas partes. No corte teórico abre o estudo a fundamentação metodológica a qual expõe como será feito o trabalho e a forma como será pesquisado, em seguida o capítulo três fala sobre cultura, sua

definição e importância social, seguido de um resumo histórico rápido sobre a história do teatro, da dança, artes plásticas e música ao longo dos séculos.

O capítulo quatro aborda além da história do jornalismo as técnicas jornalísticas incluindo o jornalismo especializado na área cultural. Segue então com um capítulo histórico sobre o Sesc e sua participação em Prudente e parcerias com eventos. Finalizando com a parte de produção gráfica, desde a escolha da tipografia a impressão.

O trabalho envolve a evolução que o Sesc Prudente proporciona à cidade com suas atividades freqüentes, com a intenção de criar um hábito cultural. Por sempre participar destas atividades e vivenciar a mudança ocorrida na sociedade, decidiu-se expor em um trabalho chamado *Jornal Palco Cultural* a história de integração social do Sesc em Prudente.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

### 2.1 Problematização

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 161), formular um problema consiste em dizer sobre a dificuldade com a qual nos defrontamos e o que pretendemos resolver, limitando o campo e apresentando características.

Para Goldenberg (1997, p. 71), a boa resposta depende da boa pergunta. O pesquisador deve estar consciente da importância da pergunta que faz e saber colocar as questões necessárias para o sucesso de sua pesquisa.

Para Gil (1995, p. 53), um problema é testável cientificamente quando envolve variáveis que podem ser observadas ou manipuladas.

Quando se diz que toda pesquisa tem início com algum tipo de problema, torna-se conveniente esclarecer o significado deste termo [...] Problema é qualquer questão não solvida e que é objetivo de discussão. (GIL, 1995, p. 53)

Portanto, o problema consiste na falta de documentação sistematizada num veículo de mídia sobre as realizações do Serviço Social do Comércio (Sesc) nos seus dois primeiros anos em Presidente Prudente; e quais as conseqüências sociais que acarretaram à cidade.

Desta forma, a presente pesquisa desenvolveu um estudo sobre as atividades culturais do Sesc de Presidente Prudente nos últimos dois anos, a fim de responder o seguinte questionamento: qual o auxílio social do Sesc para a cidade de Presidente Prudente?

Através do jornal, que tem o nome de *Palco Cultural*, foi feito um resgate desta história recente do Sesc e o que esta instituição sócio-cultural

representa para a cidade de Presidente Prudente no que tange à disseminação de cultura para a sociedade.

## **2.2 Objetivo Geral**

- Produzir um jornal tamanho *berliner*, chamado *Palco Cultural*, sobre a história e as atividades culturais do Sesc Thermas, em seus dois primeiros anos em Presidente Prudente.

## **2.3 Objetivos Específicos**

- Resgatar o trabalho cultural do Sesc Prudente;
- Identificar a contribuição do Sesc para a cultura local;
- Analisar o papel do Sesc no estímulo à qualidade cultural;
- Vivenciar a prática jornalística no veículo impresso;
- Mostrar a democratização do acesso à cultura.

## **2.4 Justificativa**

A cultura musical e teatral artística existe desde a origem do homem na terra. O teatro surge na época dos homens das cavernas, quando eles imitavam os animais para se aproximar ou avisar sobre algum perigo e sempre fez parte de toda uma civilização. Também é considerado sagrado. O teatro, junto com músicas, era utilizado em rituais de invocação de deuses e forças da

natureza. Essas apresentações continham cantos e danças, nas encenações aos deuses.

Segundo Berthold (2005), mesmo na Idade Média, quando as práticas teatrais e musicais foram proibidas pela igreja católica, a arte não morreu. Passou a ser manifestada em cantos gregorianos e teatros religiosos, na intenção de evangelizar a população dos feudos, além de também ser manifestada nas pinturas com imagens de santos, mesmo sem técnicas aprofundadas. Mas foi na Grécia Antiga que as artes ganharam destaque na história.

A arte é exercida até hoje com diversas finalidades, principalmente educar e entreter. O que importa é que o teatro e a música transcendem ciclos de cultura e são importantes para a formação intelectual humana.

No Brasil a música, a dança, a literatura e as artes plásticas sofreram com a Ditadura Militar, em um período em que o cidadão não podia se expressar, já que suas manifestações poderiam ser interpretadas como uma ameaça ao regime. Nesta época, destacaram-se os artistas que utilizaram suas atividades para protestar contra os atos que impediam a liberdade de expressão; e algumas canções ainda hoje são lembradas como símbolos de resistência ao sistema que abusava da força militar, como são os casos de “Cálice”, de Chico Buarque, “Para não dizer que falei das flores”, de Geraldo Vandré e “Disparada” de Geraldo Vandré e Théo de Barros. A verdade é que a cultura ajudou a mudar o sistema que perdurou por mais de 20 anos, a partir do Golpe Militar de 1964 e a promover o restabelecimento do regime democrático, o que ocorreu com o movimento Diretas Já, ocorrido em 1984.

A sociedade necessita da cultura para manter a formação e transformação de um povo. Sem ela o ser humano se torna um animal quase que irracional, é ela que faz prevalecer a racionalidade. Por isso a cultura é um segmento que está no dia a dia do jornalismo impresso ou eletrônico, dado à sua importância para a sociedade. A imprensa tem sido grande divulgadora na área cultural e o jornal impresso se põe como uma mídia de fácil acesso.

Adquirir conhecimento é um dos principais motivos da confecção deste trabalho. Para tanto utiliza-se o jornalismo para difundir a cultura que deve ser um bem de consumo de primeira natureza para todo cidadão que tenha compromisso social, visando oferecer a sociedade uma condição de vida melhor.

O projeto surge a partir desta idéia de estudo sobre as mudanças culturais observadas na história da cidade. Este é o principal objetivo do projeto. Além da força que o Sesc proporcionou à cidade dentro da área cultural, o trabalho fica como registro histórico para a sociedade de Prudente.

Por ser uma pesquisa experimental o TCC vale para estudo de alunos da Universidade que se interessem em aprofundar no assunto ou produzir um trabalho ligado a alguma área abordada dentro do projeto, como cultura, história, jornalismo impresso, especializado e cultural.

Trabalhar com cultura é estar diretamente lidando com a população e descobrir que a cultura de cada um faz a sociedade atual. É uma questão de crescimento interior.

## **2.5 Metodologia**

A pesquisa consiste em produzir um suplemento de jornal de oito páginas tamanho *berliner* sobre o trabalho cultural do Sesc Prudente, em seus dois anos de atuação na cidade pesquisados, a partir de análise realizada no segundo semestre de 2009.

Segundo Gil (1995), método é o caminho que se escolhe para se chegar a determinado fim. Método científico é o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento.

Portanto, a execução deste trabalho inicia-se com uma pesquisa exploratória que, também para Gil (1995), tem a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias. É o tipo de pesquisa que apresenta

menor rigidez em seu planejamento, envolve um levantamento bibliográfico, documental e entrevistas não padronizadas.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam uma menor rigidez no planejamento. [...] Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de um delimitado fato. [...] Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla (GIL, 1995, p. 44).

Para Goldenberg (1997, p. 72), a fase inicial da pesquisa é a exploratória, que lembra uma “paquera”, entre dois adolescentes. É neste momento que se tenta descobrir algo sobre o objeto de desejo. Deve haver uma aproximação entre o foco da pesquisa e as formas de como o pesquisador chegará à resposta para alcançar um conhecimento mais profundo e uma dedicação quase exclusiva.

A partir dos dados colhidos através da pesquisa qualitativa, parte-se para o uso da pesquisa exploratória. A pesquisa será utilizada no intuito de abranger as várias formas de influência cultural do Sesc na cidade de Presidente Prudente sem a intenção de quantificar dados.

A pesquisa qualitativa serve para estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais. A premissa básica da integração repousa na idéia de que os limites de um método poderão ser contrabalançados pelo alcance de outro (GOLDENBERG, 1997, p. 61).

Para Epstein (2009, p. 26), em ciências sociais, os procedimentos quantitativos não são os mais utilizados pelo fatos das pesquisas na área de comunicação geralmente não serem focadas em números ou estatísticas. Portanto, a pesquisa qualitativa é das mais utilizadas quando o trabalho é no campo da comunicação.

Foi feita uma coleta de dados para estudo aprofundado da pesquisa.

Segundo Stumpf (2009, p. 58), depois de identificar os itens que serão de interesse para a bibliografia, o pesquisador com a localização dos documentos está preparado para começar sua pesquisa.

Stumpf (2009) explica que o objetivo é proporcionar uma visão geral do tipo aproximativo de determinado fato. A coleta de dados será feita através de uma pesquisa bibliográfica, que é o planejamento inicial do que será trabalhado, é a obtenção da bibliografia sobre o assunto que será estudado. Ela identifica informações bibliográficas, seleciona documentos sobre o tema estudado para fazer anotações ou fichamentos para serem utilizados em um trabalho acadêmico.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de um material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 1995, p.71).

Além da pesquisa bibliográfica, também será feita uma análise documental através de material recolhido sobre o Sesc Prudente nos jornais, na internet e materiais que o próprio Sesc possui, visando a reconstituição da história dos últimos dois anos.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença é a natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos de pesquisa. [...] Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número (GIL, 1995, p.73).

A pesquisa aplica também entrevistas do tipo semi-aberta, que segundo Marconi e Lakatos (2001), é um tipo flexível, mas que parte de um roteiro guia e se aprofunda conforme a resposta do entrevistado. Tem como ponto de partida uma questão ampla que flui livremente, aprofundando-se em determinados pontos. A capacidade de se aprofundar é o que torna este tipo de

entrevista rica em descobertas.

Tais técnicas serão utilizadas para a produção da pesquisa pra servir de base para a produção da peça prática. A parte teórica foi dividida em seis capítulos, feitos através de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória baseada na pesquisa bibliográfica, com instrumentos para coleta de dados através de análise documental e entrevistas do tipo semi-aberta.

O próximo capítulo faz um resgate histórico sobre teatro, música dança e artes plásticas, além de definir e explicar o que é cultura.

### 3 CULTURA

Este capítulo aborda questões sobre cultura, sua definição, cultura de massa e indústria cultural, seguindo os sub-capítulos que fazem um resumo sobre história do teatro, da dança, música e artes plásticas desde a pré-história aos dias atuais.

Para Santos (1996, p. 1), “cultura é uma preocupação atual, sobre os caminhos que a sociedade tomou até os dias atuais. A história é o maior registro de transformação cultural do homem”. Portanto, quando se discute cultura se tem em mente o ser humano e seu desenvolvimento ao longo dos anos.

Já para Martins (2005), cultura é o modo como indivíduos ou comunidades respondem às suas próprias necessidades e desejos simbólicos”. Segundo Martins (2005), o ser humano é regido por ações biológicas e que por sua capacidade de pensar a realidade, de construir significados para a natureza; esta ação simbólica recebe o nome de cultura. É ela que torna a vida possível no mundo, um produto elaborado pelas antigas gerações e continua adaptando-se e modificando-se diariamente.

Tudo o que é produzido pelo homem, desde sua forma de organização ao convívio social é considerado cultura. Para entender o termo é necessário compreender os diversos povos que existem, as classes sociais, idades, sexos, pois estes elementos estão interligados. Como ser social, o homem influencia diretamente na cultura, desde o nascimento faz parte de um grupo cultural.

Santos (1996, p. 12) afirma que: o ser humano nasceu para viver em sociedade, ou seja, depende de outros seres da mesma espécie para sobreviver. E que muitas culturas se diferem de acordo com cada povo, região e país.

Muito já se discutiu sobre as maneiras de se ordenar essas culturas de tantas variações. Para muitas delas, como para a européia ou chinesa, pode-se traçar longas seqüências históricas e localizar etapas mostrando as transformações nas relações da sociedade com a natureza e principalmente nas relações de seus membros entre si. Os esforços para colocar todas as culturas humanas num único e rígido esquema de etapas não foram, no entanto, bem-sucedidos (SANTOS, 1996, p. 12).

Não existe uma definição exata para o significado de cultura. Segundo o dicionário Aurélio, cultura significa ato ou efeito de cultivar, desenvolvimento intelectual, saber, ilustração, conjunto de experiências humanas (conhecimentos e costumes) adquiridas pelo contato social e acumuladas pelos povos através dos tempos. Uma pessoa culta, ou seja, dotada de cultura é considerada também, segundo o dicionário Aurélio, um ser instruído do saber.

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente à manifestações artísticas, como teatro, música, a pintura e escultura. Outras vezes ao se falar na cultura de nossa época ela é quase que identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas, cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou seu modo de vestir, à sua comida a seu idioma (SANTOS, 1996, p. 22).

Para Santos (1996), cultura apresenta-se em dois aspectos, o primeiro é o de caráter social, da vida de um povo como uma questão social. A segunda refere-se a conhecimento, excesso de cultura significa muito conhecimento. Portanto, entra-se no estudo de um povo culto, que é aquele que consome diretamente a cultura. Esta está ligada à arte, dança, teatro, literatura e estudos gerais. A realidade cultural de uma sociedade, de como ela é, está diretamente dentro da cultura de uma sociedade. Um povo com acesso à cultura é considerado culto intelectualmente, mas não quer dizer que quem não tem este mesmo acesso seja desprovido de cultura.

A partir de uma idéia de refinamento pessoal, cultura se transformou na descrição das formas de conhecimento dominantes nos estados nacionais que se formavam no fim da Idade Média. Esse aspecto da preocupação com a cultura nasce assim voltado para o conhecimento erudito ao qual só tinham acesso setores das classes dominantes desses países. Esse conhecimento erudito se contrapunha ao conhecimento havido pela maior parte da população, um conhecimento que se supunha inferior, atrasado, superado, e que aos poucos passou também a ser entendido como uma forma de cultura, a cultura popular (SANTOS, 1996, p. 42).

Para Santos (1996, p. 54), existem dois tipos de cultura, a popular e a erudita. A primeira está diretamente ligada à forma de pensamento e ação da classe mais pobre e busca o que há de específico nelas, desde a lógica interna às implicações políticas. A segunda se contrapõe ao conhecimento da maior parte da população. Estas forças antagônicas são sempre comparadas uma com a outra, não deixando de ser importantes para a sociedade.

A cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo poderia se dizer da arte. Não é apenas parte da vida social como por exemplo se pode falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns conflitos e não em outros. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social (SANTOS, 1996, p. 44).

Santos (1996, p. 51) explica que uma das características de muitas sociedades contemporâneas é a intensa diversificação interna. Dentro de um mesmo grupo são encontradas pessoas de classes, raças e comportamentos diferentes.

Quando se fala em cultura de massa Fedeli (2007) explica que existe uma diferença entre povo e massa; enquanto povo é formado por indivíduos ativos, que agem de forma consciente de acordo com determinadas idéias, massa, não passa de indivíduos movidos por paixões que não agem por conta própria, mas se alimentam de conceitos e entusiasmos não estáveis. São pessoas que, segundo o autor, não discordam da maioria e têm medo de perder-se, querem sentir-se como todo mundo.

As sociedades da era industrial são consideradas como “sociedades de massa”. Segundo Santos (1996, p. 56), a indústria cultural homogeneiza a vida e a visão do mundo, cria necessidades e desenvolvem mecanismos para controlar as massas humanas.

Uma sociedade assim exige mecanismos culturais adequados, capazes de transmitir mensagens com rapidez e para grande quantidade de pessoas. Costuma-se considerar que ela exige uma cultura, capaz de homogeneizar a vida e a visão do mundo [...] ultrapassando barreiras de classe social e facilitando por essas razões o controle de massas (SANTOS, 1996, p. 67).

A mídia é o principal instrumento para proliferar a cultura de massa. O rádio, a televisão e a imprensa têm características vitais na atividade da indústria cultural. O poder de transcender barreiras temporais, espaciais e sociais é que torna a mídia tão poderosa na sociedade.

O ritmo com que a produção e consumo acontecem é extremamente veloz e acompanha a evolução da comunicação rápida. Santos (1996, p. 69) diz que esses meios são a paisagem da vida moderna e engloba todas as esferas sociais. Desde a classe mais baixa a mais alta.

Tais meios de comunicação não só transmitem informações, não só apregoam mensagens. Eles também difundem maneiras de se comportar, propõe estilos de vida, modos de organizar a vida cotidiana, de arrumar a casa, de se vestir, maneiras de falar, de sonhar, de sofrer de pensar, de lutar e de amar. São meios de comunicação poderosos (SANTOS, 1996, p. 69).

De acordo com Zuin (2001), a Indústria Cultural recebe esse nome porque se assemelha a uma indústria comum, mas que neste caso produz cultura para uma massa. Ela não se reduz ao termo indústria, pois não se refere apenas ao processo de produção. As particularidades nada mais são do que mercadorias padronizadas que podem ser trocadas e que cobram seus dividendos na consolidação da sua individualidade danificada. Produz-se então para a massa, homogeneizando assim a sociedade.

Tal debilitação da individualidade é o resultado de um processo social que tem como principal característica a universalização do princípio da lógica da mercadoria, tanto na dimensão objetiva como na subjetiva. A lógica do equivalente acaba por fundamentar os alicerces do raciocínio dicotômico que consagra os rótulos daqueles que são considerados "perdedores" ou "vencedores", por exemplo. Dificulta-se a sobrevivência do pensamento crítico numa sociedade em que os indivíduos se transformam em "caixas de ressonância" de mensagens que seduzem pelo incentivo à integração, muitas vezes cega, a um coletivo regido por uma palavra de ordem autoritária. Quando as pessoas se desensibilizam em relação aos outros e em relação a si próprias, ou quando os objetos são construídos sem o objetivo de auxiliar a composição de uma vida melhor para todos (ZUIN, 2001)

Por maior que seja o poder da Indústria Cultural difundida pela mídia as sociedades conservam fortemente sua característica social e as histórias marcadas pelo dia a dia.

As mensagens da Indústria Cultural, com propósito de homogeneização e controle das populações, podem ser um projeto dos interesses dominantes da sociedade, mas não são cultura dessa sociedade (SANTOS, 1996, p. 70).

### 3.1 Teatro

O teatro é tão antigo quanto a existência do homem. Para Berthold (2005, p. 1), transformar-se em outra pessoa é uma forma de expressão humana. No ponto de vista de evolução cultural a diferença entre o teatro primitivo e o teatro que conhecemos atualmente são os acessórios utilizados em cena à disposição do ator para expressar a mensagem.

Conforme Berthold (2005) nas culturas primitivas o ator usava um chocalho envolto de pele de animal e imitava os sons da natureza, criava os deuses e imitava os animais. Um ator precisa apenas do corpo para poder fazer teatro, criar emoções e representar.

No Egito antigo e no Oriente ao Faraó, eram feitas as apresentações de dança, música e diálogo dramático; casamentos, celebrações religiosas eram

onde apareciam as principais atividades na área teatral. Os cultos religiosos são frequentes na Idade Antiga, neles faziam banquetes e festas dedicados aos mortos.

Ainda de acordo com o autor, nas civilizações Islâmicas as manifestações dramáticas foram sufocadas pela religião. Não se permitia fazer uma personificação de Deus. A divisão da religião entre Sunitas e Xiitas dentro do Islamismo deu origem à Tazuyé, que foi uma forma surpreendente de teatro que nunca saiu do Irã, contrariando os mandamentos do profeta eram feitos espetáculos populares e de sombras, do tipo folclórico e com o uso de bonecos-heróis, estes feitos de couro de camelo. Berthold (2005), afirma que o enredo compunha-se por fatos históricos e por lendas e apenas os homens podiam subir nos palcos.

Nas civilizações Indo-pacíficas, como a Índia, a dança e o drama eram componentes igualmente importantes dentro da crença deste povo, na qual eram utilizadas para expressar homenagem aos deuses.

Dentro das três religiões da Índia que no caso são o Bramanismo, Jainismo e Budismo emprestaram suas formas específicas ao culto e ao sacrifício, à dança e à pantomima exorcística e à recitação dramática. Nem as campanhas vitoriosas de Alexandre o Grande, nem os ensinamentos de Maomé conseguiram minar a vigorosa força interna do hinduísmo. Seus deuses e heróis dominam o palco do panteão celestial tanto quanto o palco da realidade terrena. A conceituação antropomórfica dos deuses proporcionou o primeiro impulso para o drama (BERTHOLD, 2005, p. 29).

Para o autor, o Drama Clássico Indiano conta sobre toda vida na terra como no céu, essa linhagem pode ser traçada e expressa em modo de baladas que eram recitadas de forma anti-fônica nos ritos de sacrifício sagrado. O amor do rei humano e o conflito dos oponentes. A briga entre poderes obscuros e míticos deram o material suficiente para o teatro que era considerado uma grande ópera.

O teatro chinês possui uma história de quase cinco mil anos. Foram diversos impérios e dinastias desde os primitivos dias com rituais de dança da fertilidade, exorcismo xamânico de espíritos do mal. Para Berthold (2005), durante

os séculos XIII e XIV este drama chegou no seu auge, nos livros e não nos palcos. Os livros eram artesanais e os dramaturgos médicos e literatos e seus discípulos se reuniam nas salas particulares de recitais.

Segundo Berthold (2005), no Japão o teatro é considerado um pluralismo multifacetado pois são séculos de desenvolvimento. Possui um histórico evolutivo, seus estilos constituem um marco das diversas circunstâncias históricas e sociológicas de sua origem.

A Grécia é considerada o berço do teatro que conhecemos nos dias atuais. Os ritos eram feitos na época de prensagem do vinho, no mês de dezembro e também nas festas das flores que acontecia na cidade de Atenas nos meses de fevereiro e março dedicadas ao Deus Dionísio, por estes ritos ficou conhecido como o “Deus do teatro”.

Segundo Berthold (2005, p. 103), “O teatro é uma obra de arte social e comunal; mas isso nunca foi mais verdadeiro que na Grécia antiga. Em nenhum outro lugar, portanto, pôde alcançar tanta importância como na Grécia”.

É conhecida pelas famosas tragédias ligadas por duas correntes que juntas deram início a tragédia grega; uma vinda do legendário menestrel da Antiguidade e a outra dos rituais de fertilidade dos sátiros.

Dionísio, a encarnação da embriaguez e do arrebatamento, é o espírito selvagem do contraste, da contradição extática de bem-aventurança e horror. Ele é fonte da sensualidade e crueldade, da vida procriadora e da destruição letal. Essa dupla natureza do deus, um atributo mitológico, encontrou expressão fundamental na tragédia grega. A comédia Grega ao contrário da tragédia, não tem um ponto culminante mas dois. O primeiro se deve a Aristófanes, acompanha o cimo da tragédia nas últimas décadas dos grandes trágicos Sófocles e Eurípedes; o segundo pico da comédia Grega ocorreu no período helenístico, com Menandro, que novamente deu à ela importância histórica. A comédia sempre foi uma forma de arte intelectual e formal independente. Deixando de lado as peças Satíricas nenhum dos poetas trágicos da Grécia aventurou-se na comédia, como nenhum dos poetas cômicos escreveu uma tragédia (BERTHOLD, 2005, p. 104).

Roma sempre foi um estado considerado militar, por suas grandes conquistas de terras e povos. Havia se apossado de muitos dos deuses da Grécia com algumas modificações nominais, mas suas ações e colocações

praticamente as mesmas. Tália, considerada a musa da comédia, e Eutérpia, conhecida como musa da flauta e coro trágico foram as deusas padroeiras do teatro romano. O autor (Berthold, 2005) expõe que em Roma o teatro se fundamentalizava no mote político, a era do pão e circo. Os anfiteatros, semelhantes aos dos gregos, não pertenciam aos poetas, mas sim aos gladiadores.

O teatro da Idade Média dialoga com Deus e com o Diabo. O teatro se modificou, perdeu as características adquiridas na Antiguidade Grega e Romana. Segundo Berthold (2005, p. 185), “sua dinâmica desafiou a disciplina das proporções harmoniosas e preferiu a exuberância completa. É por isso que o teatro medieval é tão difícil de ser estudado e ocupa um lugar inferior das formas rivais do teatro mundial”.

O ponto de partida deu-se das duas mais importantes festas cristãs, o Natal e a Páscoa. E dentro da Igreja, na frente do altar é que eram realizados os dramas. Mas o teatro finalmente ganhou cores depois de mais de cinco séculos quando foi colocado no meio da vida cotidiana. Em locais preparados eram montados os tabladros (palcos) e em procissões eram levados para serem encenados em locais escolhidos. Para Berthold (2005, p. 186), “Ao lado do Evangelho, descobriram e exploraram as inesgotáveis reservas do mimo, da arte do ator em todas as suas potencialidades”.

Bertold (2005) conta que com o final da Idade Média e a queda dos senhores feudais, começa uma nova era. A renascença se deu pela mudança da crença humana na qual o homem tornava-se centro do universo. O individualismo e o despertar da personalidade foram as grandes molas propulsoras do renascimento, a revolução nas artes começou e apenas foi concretizada após o século XV.

Depois da queda de Constantinopla as obras da Antiguidade voltaram à tona, as navegações e descobertas de novos continentes proporcionou a miscigenação de descoberta de novas culturas que influenciaram radicalmente no comportamento social da época e também nas manifestações das artes.

A contradição com a fé era comum na época, o homem não aceitava mais não ter explicações racionais, foi uma grande época de desenvolvimento da humanidade principalmente para a ciência. Foram criadas novas religiões que iam contra os princípios básicos da igreja católica. Surgiram então novas religiões de linhas cristãs como a Luterana. As obras filosóficas voltaram para as mãos dos estudiosos, sem risco de um tribunal de inquisição acusados de bruxaria e práticas contra o catolicismo.

Ao evento dramático acresceu uma deliberada reconstrução do palco antigo. [...] Com isso deu-se a definitiva refutação de todas as vagas e confusas concepções do teatro antigo de arena, que se encontravam em manuscritos medievais. O teatro dos humanistas desenvolvido a partir da atividade de ensino e promovido por sociedades acadêmicas especialmente fundadas para esse propósito, foi visto com alta consideração tanto ao sul quanto ao norte dos Alpes. Universidades e escolas latinas armaram palcos improvisados em seus pátios. [...] Nas peças pastorais, revestiam-se de graça sentimental. Na tragédia, era submetida às regras recém-descobertas das unidades aristotélicas e, eventualmente, ajudou que os primeiros temas históricos relacionados com a atualidade da época ganhassem a luz do palco (BERTHOLD, 2005, p. 272).

A era do barroco misturou as artes da Idade Média com as grandes obras da renascença, os prazeres do mundo e as coisas celestiais fluíam juntas teatral e espiritualmente. Nunca uma época teve tanto suas próprias imagens, que obviamente ajudou no enriquecimento da arte atual. Para (Berthold, 2005, p. 323), “E assim com a arte barroca desabrochava em teatralidade, do mesmo modo o absolutismo lutava com uma apoteose grandiosa, e a Contra-reforma invocava todos os meios ópticos e intelectuais da arte do palco” – assim também o teatro vivia um momento de extraordinária ascensão.

Foi no século XVIII que as mudanças na ordem social transformaram definitivamente o modo de pensar Europeu. O Iluminismo trouxe consigo, a nova forma de pensar transformando uma sociedade que antes era teocentrista.

O teatro tentou contribuir com a sua parte para a formação do século que seria tão cheio de contradições. Tornou-se uma plataforma nova de auto-conhecimento do homem, um púlpito de filosofia moral, uma escola ética, um tema de controvérsias eruditas e também um patrimônio comum, conscientemente desfrutado. [...] A era dos grandes teatros da cidadania burguesa começava, dentro de poucas décadas, esplêndidos teatros e óperas seriam construídos por toda Europa (BERTHOLD, 2005, p. 382).

Após a Revolução Industrial, começa a era do naturalismo que até os dias atuais segue as tendências do teatro que se conhece. No naturalismo era essencial levar ao palco um pouco mais de naturalidade, a arte acaba por se tornar natureza do homem. Esta foi a primeira linha que o teatro atual seguiu, assim como nas artes plásticas houve uma experimentação de novas técnicas na área teatral. O simbolismo, expressionismo, surrealismo e futurismo foram levados ao palco em forma teatral. Até hoje a arte cênica se desenvolve em diversas áreas. Autores principalmente do naturalismo e suas vertentes são estudados e encenados até os dias atuais. O Sesc faz um trabalho intensivo com o teatro infantil assim abrange todos as formas de teatro já existentes, porém voltado à um público infantil.

### **3.2 Dança**

Para Ellmerich (1964), a dança são os movimentos corporais que aparecem a partir de um ritmo, são manifestações biológicas dos seres humanos e todos os animais. Por isso, dizer que assim como o teatro a dança existe desde os primórdios da sociedade não é mentira. Motivada por impulsos religiosos, eróticos, fúnebres, bélicos ela aparece sobre o ritmo que o corpo tem através do impulso. Podem ser de diversos tipos, estilos, aos pares ou em grupos; a dança sempre fez parte da evolução humana em diversas situações.

Os tipos de dança são: Danças circulares sem contato corporal entre participantes, dança de imitação de animal, danças convulsivas, danças em serpentinas, danças eróticas, danças em círculo duplo, danças funerárias, danças com máscara, danças ao pares (casal), danças em que homens e mulheres se colocam em linhas opostas, danças em pares mistos, danças em pares abraçados, danças do ventre, danças religiosas para adorar ou aplacar uma divindade, ou excitar o êxtase espiritual dos bailarinos, danças guerreiras para intimidar o inimigo ou incluir maior agressividade nos bailarinos, danças profanas para fomentar paixões ou incitar entre os bailarinos (Ellmerich, 1964, p. 14).

Segundo Ellmerich (1964), povos de índole guerreira incitavam a dança em seus rituais de caça, visando o sucesso durante esta caçada. Esses povos são geralmente de origens patriarcais. Já os de origens matriarcais mostravam-se mais pacíficos, eram agricultores ou pastores que se entregavam às danças estáticas e tranquilas.

De acordo com o autor, os requisitos usados nas danças eram geralmente jóias e máscaras, as músicas eram cantadas e os sons do bater as mãos e sons do corpo embalavam a melodia. Os primeiros instrumentos foram os tambores feitos de troncos de árvores, cabaças com pedras que simbolizavam um chocalho, e os instrumentos de sopro, que eram as flautas feitas de bambu e pedaços de ossos.

No Egito existiam danças em homenagens aos faraós e aos deuses. Na mitologia Hindu os bailarinos cantavam, vestidos de azul. Os gestos substituíam as palavras que contam uma história para quem assiste.

Mignone expõe que na Grécia a dança estava vinculada às cerimônias e rituais, ligada a três fatores básicos: o verso cantado, o instrumento relacionado à divindade e a expressão corporal que era a dança em si. Assim, as representações passavam a ter um valor simbólico. Em Creta a dança fazia parte apenas de um ritual simbólico.

Já em Roma a dança foi desprezada no início, pois mostrava-se imbatível como caráter conquistador do povo romano, isto é, não combinavam com estilo de vida das cidades conquistadoras de Roma. As grandes massas iam às arenas para ver lutas de gladiadores com animais ferozes.

Segundo Ellmerich (1964, p. 95), “[...] aos irmãos Rômulo e Remo é atribuída a dança bélica que tem origem grega. A influência da cultura grega na

romana deu origem aos primeiros bailarinos profissionais”. Eles faziam ponto nas proximidades das lojas de perfumaria e lá se apresentavam e davam aulas tanto de dança quanto de canto. No ano 40 foi criada a primeira manifestação corporal, logo depois começaram a aparecer os rituais de danças, funerárias, com uso de máscaras e eróticas.

De acordo com o autor, na Idade Média os motivos da dança tornam-se parecidos com as manifestações corporais primitivas. O cristianismo diminuiu, mas não pode apagar totalmente o conceito pagão que as danças primitivas tinham.

Já o carnaval é a dança popular, funciona como uma válvula de escape, serve para que o povo possa expandir seus sentimentos e sua alegria do rígido sistema católico feudal. A palavra carnaval é originária de “carrus navalis”, que na Grécia levava o primeiro bailarino e chefe do coro às comemorações Dionisiacas. Na era feudal cristã carnaval vem de “carne vale”, que significa adeus à carne. Nesta época dava-se início à quaresma. Na própria Espanha medieval às vezes as apresentações eram feitas dentro da própria igreja.

De acordo com o autor, na Renascença, as artes de todos os ramos tomam um novo rumo. A descoberta de novas terras e a mistura dos povos resulta na introdução de motivos exóticos, nos divertimentos e representações.

Para Ellmerich (1964), a divisão entre camponeses e nobres era severa como a sociedade atual. Da arte popular foram extraídos diversos elementos. O “Ballo” executava-se de mono pantomímico e o “balett” que começa a se desenvolver não é nada mais que uma dança mímica de estilo elevado.

Ele ainda explica que países da Europa possuem seu tipo de dança específico, criado junto com o desenvolvimento cultural do povo que tomou conta daquela região. São estilos e formas que são estudadas por bailarinos e levadas para o palco afim de contar uma história sem falas, apenas com os movimentos do corpo. Tragédias, comédias, dramas a dança está diretamente ligada ao teatro como forma de expressar e trazer ao público algum tipo de sentimento. Possui valor intelectual cultural tão válido quanto qualquer manifestação cultural.

No Brasil a influência da dança vem dos povos que habitaram e os que colonizaram a terra. Os indígenas com suas danças ritualísticas pantomímicas de adoração aos deuses e à natureza; os africanos com suas crenças e danças religiosas. A capoeira, por exemplo, é uma luta que mistura dança e tem como objetivo a auto-defesa de seus praticantes. Já as danças clássicas vindas da Europa, e as vindas dos países orientais, foram espalhadas pelo país que adota hoje muitas formas de manifestação da expressão corporal.

No século XIX, o Romantismo, apareceu após a Revolução Francesa, provocou uma radical mudança na vida dos europeus. O que consequentemente gerou novas manifestações artísticas.

Segundo Ellmerich (1964, p. 189), “Marie Taglioni, considerada a princesa do romantismo foi a primeira mulher a subir em uma ponta de sapatinhas adequadas, em Paris no ano de 1832”.

O movimento tinha como característica o abandono às regras e disciplinas adquiridas durante o classicismo. A expressão corporal era dada de forma tumultuosa sem uma ordem correta a ser seguida porque procurava trazer para o corpo o sentimento do autor. Em sua música romântica o autor extravasava seus sofrimentos e suas paixões, com movimentos leves e soltos.

Atualmente, as danças continuam a andar lado a lado no ramo das artes cênicas. São histórias e sentimentos revelados através do movimento do corpo. Independente de onde se originou, a dança sempre foi uma manifestação natural do ser humano desde o início dos tempos. Com diversas funções, hoje faz parte da vida de muitos artistas que a utilizam como forma de expressar a vida e sentir de uma maneira diferente.

Assim como as outras áreas artísticas a unidade do Sesc traz para a cidade apresentações dos mais variados estilos de dança. Adotadas deste a pré-história compondo a dança contemporânea dos dias de hoje.

### 3.3 Música

De acordo com Ellmerich (1987), a civilização egípcia é uma das antigas civilizações do mundo. Em escavações arqueológicas encontraram vestígios de possíveis instrumentos musicais. A música era utilizada em rituais religiosos e de guerra, festas e lamentações. O povo árabe absorveu a música dos persas e outros povos conquistados. Segundo Ellmerich (1987), antes do Islamismo de Maomé a música era praticamente inexistente, ou seja, não era comum se tocar ou fazer músicas.

A China, possuidora de uma cultura milenar, tem a música presente em sua cultura desde os tempos mais antigos.

O sábio Ling-lun, mais ou menos em 2.637 antes de Cristo, forma a doutrina sobre a arte dos sons, na qual já se encontra o princípio da oitava tônica, isto é, o tom fundamental. [...] Geralmente as melodias chinesas são executadas por um instrumento de sopro, acompanhado de ruidoso conjunto de percussão e ritmo complicado (ELLMERICH, 1987, p.23).

Dos povos da antiguidade, a Grécia destaca-se em todas as áreas da arte, inclusive na música. É o berço da civilização ocidental. Segundo Ellmerich (1987), as referências musicais gregas são encontradas na mitologia, tratados teóricos, obras filosóficas e memórias mitológicas. Como cita (Ellmerich (1987, p. 28), “A palavra música significa ‘arte das musas’, Na mitologia grega, as musas representam seres celestiais, divindades que suponha-se, inspiravam-se as artes cênicas”. Muitos dos instrumentos musicais gregos como a lira tem seu registro histórico através de mitos.

Os romanos não alcançaram grande desenvolvimento nas artes em virtude da tendência para guerras e conquistas territoriais. Por esse motivo o conhecimento romano é herdado dos gregos. Segundo Ellmerich (1987), da Grécia vinham os instrumentos musicais e a moda. A partir do Império de Nero, a arte musical toma impulso. Nero era compositor e tocava lira, sua vaidade era tanta que ele contratava pessoas para o aplaudir no teatro.

Os instrumentos orientais também faziam parte do conhecimento do povo romano. A difusão do cristianismo provocou diversas mudanças no Império.

Os cantos dos primeiros cristãos derivam de melodias hebraicas, gregas e romanas. A partir de 313, ano em que o imperador Constantino concedeu a liberdade aos cristãos, progride o canto religioso (ELLMERICH, 1987, p. 27).

A Idade Média é um período histórico no qual houve um domínio do fanatismo religioso. Este período ficou conhecido como “Idade das Trevas”. Foi uma época de estagnação para a ciência e as artes; porém, como manifestação da música profana surge a canção que é cultivada por nobres, pelo povo nas ruas, nas festas e nas feiras.

A difusão da canção no século XI, é atribuída aos trovadores, significando talvez, “achar”, ou inventar novas melodias. [...] Foram os cantores ambulantes de origem nobre, acompanhados por músicos, chamados menestréis jograis, geralmente pessoas de baixa categoria social, que além de tocar harpa ou viola, exibiam-se como acrobatas, dançarinos e prestigiadores. Devido à vida desgraçada que levaram muitos desses músicos ambulantes e conseqüente mau conceito no qual eram tidos, fundaram-se as primeiras confrarias junto às igrejas, espécie de associação de músicos profissionais (ELLMERICH, 1987, p. 28).

Na Idade Média o teatro tinha caráter sacro e as representações com música vocal ou instrumental realizavam-se nas igrejas com episódios bíblicos. Para Ellmerich (1987, p. 29), “Nos primeiros dez séculos da música religiosa cristã, sua forma sempre foi monódica, de uma única melodia. O acompanhamento ao órgão tinha a música simultânea e várias vozes, tornado-a polifônica a partir do século X”.

Segundo Ellmerich (1987), a Renascença veio para livrar o homem das severas ordens de seguir a Deus. Nesta época o canto não gregoriano passou a ser admitido dentro das igrejas, desde que tivesse uma música simples e com contexto compreensível. A partir de estudos artísticos a música se desenvolve em grande escala, não só dentro de igrejas mas nas ruas.

As músicas brasileiras recebem influências indígenas, a maioria dos sons eram produzidos por chocalhos e flautas. Independente da origem a canção

indígena tem um significado muito mais profundo por conta de seu caráter sagrado.

Segundo Elmerich (1987), o Brasil inicia sua história musical logo após o descobrimento, com índios e jesuítas. Seu significado acentua-se após o séc XVII com a dança africana, lundu, com maneios e sapateados, seguida da modinha, canção portuguesa sentimental e amorosa, que misturados levavam a música brasileira dar seus primeiros passos.

No século XIX surgem os primeiros grupos de chorões, mas apenas no século XX, especificamente na década de 30, que aparece a primeira escola de samba chamada, “Deixa Falar”, em 1929. E com a popularização do rádio a música brasileira ganhou forças para se consolidar no país com músicos, cantores e autores consagrados até os dias de hoje.

As atividades musicais são as principais atrações do Sesc e trazem consigo toda cultura popular, tanto brasileira quanto mundial.

### **3.4 Artes Plásticas**

A arte plástica teve início no primeiro período da pré-história, chamado paleolítico. Com pinturas nas cavernas elas tinham significado místico, no qual o animal almejado nos desenhos garantia caça para o bando. A imagem proporcionava um tipo de poder aos homens da época.

Se aceitarmos que arte significa o exercício de atividades tais como a edificação de templos e casas, realização de pinturas e esculturas, ou tessitura de padrões, nenhum povo existe no mundo sem arte. [...] Quanto mais recuamos na história, mais definidas, mas também estranhas são as finalidades que se crê, serem servidas pela arte (GOMBRICH, 1999, p. 40).

Gombrich (1999) afirma que no Egito esses desenhos em paredes eram conhecidos como hieróglifos. Contam a história do povo, especialmente do faraó (rei da época considerado um deus supremo), de cunho religioso e

ritualístico narrava a vida dos deuses, as profecias e também o dia do juízo final. Nos túmulos haviam hieróglifos com passagens da vida do Faraó. Com conhecimento matemático fizeram as gigantescas construções que são as pirâmides, a tumba do Faraó. Não só sua vida era escrita nas paredes, como também sua imagem era esculpida para quando sua alma voltasse a terra. Mesmo assim as pinturas no Egito ainda eram consideradas primitivas.

Ainda segundo Gombrich (1999), a Mesopotâmia teve sua arte muito menos reconhecida o que não deixava de ser importante. Na arquitetura os tijolos que faziam parte da construção dos edifícios viraram pó ao longo dos séculos e muito deste povo se perdeu.

Na Grécia, o início foi rudimentar, assim como na Mesopotâmia. Com padrões geométricos simples. As cidades-estado da época viviam em guerra e por isso cada uma desenvolveu-se com diferentes características.

Para Gombrich (1999) os gregos não se limitaram a técnicas e observaram mais o mundo ao seu redor, o que significou grande avanço para suas artes. Assim como os egípcios os gregos registravam suas histórias de deuses e grandes heróis em vasos de barro utilizados para o armazenamento de vinho e azeite e por isso os pintores ficaram mais conhecidos que os escultores.

As esculturas ganharam força com o tempo; o estudo e observação do corpo humano deu caráter real às obras de arte.

Seguindo os passos da Grécia, o império romano começa a desenvolver-se nas artes. Teve influência de povos e culturas porque era uma conquistadora territorial e assim, marcaram as mudanças artísticas deste povo. A arquitetura da época estava voltada para arcos como no Coliseu. A arte estava tão ligada à religião quanto a música e o teatro no qual os princípios variavam de acordo com as cidades-estado.

Para Martins e Imbrosi (1985), quando o cristianismo foi implantado por Constantino a igreja católica estabeleceu seu poder de estado, o que passou a gerar mudanças nas formas artísticas. Deus passa a ser considerado um só e centro do universo, também a principal forma de arte cristã. Imagens bíblicas

dentro das basílicas e das igrejas. Mas ainda existiam traços da cultura helenística.

Ainda segundo as autoras, o Império Bizantino investiu fortemente em tradições artísticas, assim como os egípcios, os artistas executavam apenas imagens religiosas. A utilização do mosaico como forma de expressão não tinha apenas a intenção de decorar mas de registrar passagens da vida de Cristo. A arte bizantina teve seu ápice apenas no século VI, no reinado de Justiniano.

A arte islâmica perde seu sentido figurativo e se volta para o geométrico, muito mais simbólico. Além das grandes construções em torres cilíndricas, os tapetes ganharam sua importância, junto com os tecidos que caracterizam sua religião.

As pinturas são representadas por afrescos e misturas usadas para a decoração de paredes com cenas do cotidiano. A arte do mosaico e utilização de formas geométricas em suas pinturas. A cerâmica também fez parte da arte decorativa islâmica utilizadas em paredes internas de gigantescas construções.

Para Martins e Imbriosi (1985), no início da Idade Média surge um novo tipo de arte chamado Românico, que ganha uma característica paleocristã ao gerar uma completa mudança nas formas de fazer arte e influenciou até no comportamento humano. Entrava-se na era do teocentrismo e definitivamente Deus se tornara o centro do universo. Na arquitetura as construções eram semelhantes às romanas, com abóbodas, pilares, torres e arcos de 180 graus. Grandes construções, sólidas como fortalezas são característicos da época.

As pinturas e esculturas narravam passagens bíblicas afim de evangelizar a população, na qual sua maioria era analfabeta. Pinturas eram decorações de murais com técnicas de afrescos (pintar sobre a parede úmida), com características religiosas, deformismo e colorismo. Segundo Martins e Imbriosi (1985), “[...] a deformação traduzia sentimentos religiosos e a forma dos artistas interpretarem a mística para poder levar à realidade. Nos mosaicos eles utilizavam pedras de diferentes cores e tamanhos”.

De acordo com Gombrich (1999), na arte gótica aparece no final da Idade Média, com a saída dos homens dos feudos para as cidades ao redor,

conhecidas como burgos. A diferença desta nova arte com a românica é na arquitetura onde as construções possuem mais entradas para uma igreja por exemplo. Construções também grandiosas na qual tudo volta-se para o alto. Foi uma época de grandes construções. Elas eram características de um povo que acreditava em um poder superior nas alturas, um exemplo é a catedral de Notre Dame na França. As esculturas seguem as linhas arquitetônicas, alongadas para o alto, com grandes imagens de feições características. A pintura foi desenvolvida entre os séculos XII e XIV, mas começou a ganhar traços renascentistas apenas no século XV.

As principais fases das artes plásticas, de acordo com Mantins e Imbriosi (1985), são:

A **Idade Moderna** começa com o início do renascimento e uma volta nos valores artísticos, um período de progresso na arte até então estagnada durante a Idade Média. O ideal humanismo é que foi a ponte para o desenvolvimento, a valorização do homem que leva a civilização a novos estudos e a busca pelo que já é conhecido, a arte grega e romana. A arquitetura segue as características de arcos com volta perfeita, construções simples, esculturas e pinturas autônomas, elas perdem a ligação com a arquitetura. De acordo com Martins e Imbriosi (1985), na pintura começam a aparecer proporções entre objetos, o uso do claro de do escuro com áreas iluminadas e sombras. As primeiras pinturas com tinta a óleo aparecem nesta época. Os artistas passam a ter um estilo pessoal e a liberdade de expressão torna-se característico.

O **Maneirismo** desenvolveu-se por volta do ano de 1520 à 1610 com uma tendência de estilo exagerada e capricho nos detalhes. O barroco espalhou-se pela Europa e continente americano. Nesta época se rompe o equilíbrio entre sentimento e razão e a emoção passa a predominar nas obras, com um trabalho de forças antagônicas.

O **Rococó** é um estilo que surge seguindo a linha barroca, é um estilo leve utilizado em decorações de interiores com temas eróticos, motivos religiosos e natureza morta.

**Idade Contemporânea** o neoclassicismo retorna ao modelo greco-latino, com forte ligação com o academicismo que são temas e técnicas para pinturas. A arte torna-se imitação da natureza. A pintura segue a linha renascentista italiana e a escultura a linha clássica grega.

**Romantismo** aparece logo depois no século XIX, agitado por mudanças culturais e sociais com base na Revolução Industrial. Há uma valorização dos sentimentos e da imaginação, nacionalismo e a natureza como os princípios da arte. Predominam nas obras os sentimentos de liberdade, igualdade e fraternidade.

**Realismo** vem com a industrialização da sociedade e conhecimento científico junto com o domínio da natureza. Na pintura há uma representação da realidade com certa objetividade. Não há pretensão de melhorar a natureza mas sim de registrá-la, tal como é. Logo aparece o impressionismo que foi uma revolução para a pintura, seguia as tendências do início do século XX. Para Martins e Imbriosi (1985) “As pinturas tinham tonalidades que mudavam de cor de acordo com a incidência solar. Figuras sem contornos, nítidas sombras e contraste dado por simples pinceladas, sem mistura de cores e utilização da lei complementar das cores”.

O **Expressionismo** aparece como arte dramática que expressa o sentimento dos homens. Cores irreais dão forma a sentimentos como amor, medo e ciúme. Características deste estilo são as pesquisas psicológicas, as cores vibrantes, dinamismo, técnica violenta com pincel e a grande preferência pelo patético, pratico e sombrio.

O **Cubismo** é um estilo de pintura que representa três dimensões em superfície plana com formas geométricas e linhas retas. De acordo com Martins e Imbriosi (1985) “Neste estilo existe uma renúncia à perspectiva, o claro e escuro perdem sua função e a pintura passa a dar uma sensação de escultórica. Um grande nome do cubismo é por exemplo Pablo Picasso”.

O **Futurismo** é um estilo de pintura que tende a expressar o movimento da forma mais real possível. Tenta captar de forma plástica o

movimento no espaço. O dadaísmo é o resultado do automatismo psíquico com elementos do acaso. Defende o absurdo e a incoerência, a desordem e o caos.

O **Abstracionismo** passa por diversas fases, da mais simples a mais completa, que exige intelectualidade máxima. A fase sensível está ligada a sentimentos e emoções, tachismo pinturas lado a lado com certo parâmetro, os estilos; *ofismo* está ligado diretamente à música, formal com formas e cores organizadas na expressão geométrica, *neoplasticismo* segue a característica do estilo formas mas com o uso de linhas verticais e horizontais e também o uso das cores primárias, *supermatismo* são formas geométricas sem preocupação na representação, *action painting* é a pintura por ação gestual, com emoções e execução intensa que dispensa o uso dos pincéis. Esta técnica é muito usada em paredes, tecidos, chão e grandes telas.

O **Surrealismo** é a representação do subconsciente humano com origens do dadaísmo. O movimento surge quando a mente flui livremente entre o mundo real e imaginário. Há uma grande associação com métodos freudianos.

A era do **Pop-Art** é um movimento britânico que apareceu pela primeira vez no ano de 1954 para designar produtos populares. Com elementos conhecidos da cultura popular teve grande influência social na época, apurava para signos utilizados nas publicidades. Era característico o uso da tinta acrílica, ilustrações como quadrinhos e muitas cores. Segundo Martins e Imbrosi (1985), a pop-art proporcionou uma mudança no que antes era considerado vulgar no mundo das artes plásticas e seguindo ela apareceram novas técnicas livres e espontâneas de arte.

O capítulo abordou definições sobre cultura, indústria cultural e massa, além de uma contextualização histórica sobre o teatro, a música, dança e as artes-plásticas, presentes nas atividades comuns do Sesc. Portanto no corte teórico fez-se um resgate histórico para embasamento do conteúdo a ser abordado na peça prática. No próximo capítulo será abordado o histórico do Sesc no Brasil e também da unidade do Thermas de Prudente. Além de falar sobre as parcerias feitas com a secretaria municipal de cultura e o governo do Estado de São Paulo com a Virada Cultural Paulista e o Fentepp.

#### 4 SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC)

Este capítulo conta a história do Sesc, desde que foi implantado em Prudente e também como se tornou um pólo divulgador cultural, em parcerias com Secretarias de Cultura de municípios e o estado do Estado de São Paulo.

Segundo Sesc (2009), “O Sesc é mantido pelos empresários do comércio de bens e serviços, é uma entidade voltada para o bem-estar social de sua clientela. Atua nas áreas da educação, saúde, lazer, cultura e assistência”. O que o torna um importante local para as cidades onde está instalado.

Uma de suas características marcantes é a promoção de valores maiores, como o exercício da cidadania, o amor à liberdade e à democracia, o apoio aos menos favorecidos, oferecendo-lhes, através da educação, meios para a conquista de melhores condições de vida (SESC, 2009).

Para Sesc (2009), “no ano de 2006, em torno de 4,9 milhões de pessoas beneficiaram-se da ação social do Sesc”. A entidade atinge hoje cidades de pequeno, médio e grande porte e também todas as classes sociais.

O Sesc possui parcerias com empresas privadas, o poder público, sindicatos e associações de moradores. Para muitas pessoas, a entidade é o único meio de acesso a serviços como saúde, educação, cultura, lazer e assistências e serviços. A ação do Sesc tem o compromisso de viabilizar a produção cultural, dar incentivo à consciência ecológica, preservação ambiental e turismo.

O ano de 1946 foi um marco na história do Brasil. O País democratizava-se e, com isto, as forças políticas e sociais emergentes procuravam ocupar o espaço de liberdade que os novos tempos traziam. Mas o pano de fundo deste cenário mostrava um país pobre, atrasado e com fortes conflitos sociais. Para encontrar soluções para os problemas sociais que enfrentavam, as lideranças empresariais do comércio, indústria e agricultura reuniram-se na cidade de Teresópolis na Primeira Conferência das Classes Produtoras – I Conclap. Nessa reunião foi aprovada a CARTA DA PAZ SOCIAL, que deu forma à filosofia e ao conceito de serviço social custeado pelo empresariado [...] E, naquele mesmo ano de 1946, no dia 13 de Setembro, o Presidente Eurico Gaspar Dutra assinava o Decreto-Lei nº 9.853 que autorizava a Confederação Nacional do Comércio a criar o Serviço Social do Comércio - Sesc. (SESC, 2009)

Após mais de 60 anos, os resultados da atuação do Sesc continuam evoluindo. De acordo com Sesc (2009), as empresas perceberam ter agido corretamente ao criarem uma entidade que era voltada para o bem-estar social e administrada e mantida com seus próprios recursos.

Atualmente o Sesc se faz presente em todas as capitais do país e diversas cidades. Segundo o site oficial do Sesc, em muitos lugares esta é a única opção de serviços de lazer, cultura, assistência e saúde. De acordo com Sesc (2009), A entidade também realiza trabalho como educação infantil, ensino fundamental, educação também de jovens e adultos, pré-vestibular, medicina preventiva e de apoio, odontologia, nutrição, cinema, teatro, música, artes plásticas, dança, artesanato, biblioteca, esporte, ação comunitária e assistência especializada. As atividades compõem o amplo leque de serviços que o Sesc oferece aos trabalhadores deste comércio de bens e serviços e também à comunidade em geral.

O Sesc faz parte do Sistema CNC, que abriga a CNC, o Sesc e o Senac. Com um total de 4.994.102 matriculados e 654.940.955 atendimentos em 2006, essa entidade de direito privado está presente nos 26 estados da União e no Distrito Federal com uma estrutura descentralizada e autônoma, tanto para a gestão como para a criação e execução de projetos e atividades, orientadas por diretrizes propostas pelo Departamento Nacional e aprovadas pelo Conselho Nacional do Sesc (SESC, 2009).

A abrangência do Sesc é uma das características mais marcantes. Com boa estrutura física para centros de atividades e unidades operacionais como

as colônias de férias, balneários, escolas, áreas de proteção ambiental, cinemas, teatros, hospedarias, etc. Cada uma destas áreas possui profissionais especializados para poder dar uma resposta ao trabalho e à sociedade com responsabilidade. Essa rede de serviços, replica às necessidades de sua clientela e da comunidade no campo do bem-estar social. Ela é administrada pelo Conselho Nacional do Sesc, que tem a função de planejar, definir diretrizes, coordenar e controlar as atividades da instituição dentro do país.

De acordo com Sesc (2009), o Conselho constitui a instância máxima de decisão da entidade. Tem como nato o Presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviço e Turismo (CNC), e é composto de um a três representantes de cada Conselho Regional do Sesc, do diretor geral do Departamento Nacional, de representantes das Federações Nacionais de Comércio de bens e serviços, do Ministério do Trabalho e Emprego e do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS); integrando ainda mais seis representantes dos trabalhadores, indicados pelas centrais sindicais. Cada uma destas administrações regionais do Sesc tem uma estrutura parecida. Seus conselhos são formados por membros eleitos pelos sindicatos patronais do comércio de bens e prestação de serviços, por representantes dos trabalhadores e também representantes do Ministério do Trabalho e Emprego e do INSS.

Tudo o que nasce da alma do homem - e mais seus hábitos, costumes e crenças - é cultura. Música, teatro, artes plásticas, lendas e contos populares, santos e milagres, comidas, garrafadas, artesanato [...] Sem cultura, portanto, não há pessoas conscientes de suas individualidades" (SESC, 2009).

As atividades culturais para a entidade são indispensáveis para o conhecimento que contribui visando uma solução dos problemas que comprometem o desenvolvimento do país. É um dos fatores no qual conseguem criar condições e transforma indivíduos, conseqüentemente a sociedade.

Uma das formas de atuação do Sesc é o estímulo da produção artístico-cultural. Ao criar espaços para a manifestação de artes, a instituição pretende oferecer condições de aperfeiçoamento do fazer cultural brasileiro,

melhorar o nível intelectual de seus clientes e da população em geral e também estabelecer o fortalecimento da identidade nacional. Para Sesc (2009), atender às necessidades de lazer cultural em geral, para o fato de que, além do pensamento e da reflexão, as necessidades de integração social, liberação de emoções, entretenimento e diversão são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano.

A entidade então respeita o desejo do divertimento, com a intenção de que o usufruir da cultura contribuirá também em uma alteração na qualidade de pensar e agir. Segundo Sesc (2009), “Teatro, música, artes plásticas, literatura e cinema são as linguagens artísticas da cultura que o Sesc utiliza como meios para o alcance desses objetivos”.

As atividades culturais desenvolvidas pela entidade são realizadas através de ações que incluem teatro, cinema, música, dança, palestras, seminários, debates e oficinas.

Procura-se, com estas linhas de trabalho, permitir à clientela e ao público em geral o acesso a espetáculos artísticos de qualidade e participação de um processo de reflexão sobre as artes enquanto o tempo livre é ocupado em um lazer cultural que satisfaça o desejo de diversão e entretenimento (SESC, 2009).

E para permitir essa oferta de lazer, o Sesc é instalado com uma ampla rede de salas de espetáculos, adequadas para teatro, cinema, vídeo e auditórios para todo tipo de apresentação artística.

#### **4.1 Sesc Thermas de Presidente Prudente**

Na cidade de Presidente Prudente, o Sesc surgiu através da intervenção das autoridades junto com o Sindicato do Comércio Varejista de Presidente Prudente (Sincomercio). De acordo com Oliveira (2009), no dia 16 de junho de 2007, foi instalado o Sesc Thermas. Este é o único caso dentro de todos os Sesc/SP a ter a inserção do nome “Thermas”, o que aconteceu devido a uma reivindicação local.

O Sesc Prudente possui uma área de 37 mil metros quadrados, onde estava localizado o antigo Thermas, na divisa dos bairros Jardim das Rosas e Jardim Petrópolis.

De acordo com Oliveira (2009) o autor, para que o acordo de que os serviços térmicos para a terceira idade fosse cumprido, 225 pacientes passaram a ser atendidos semanalmente. Estes são encaminhados por profissionais de saúde que atendem pelo SUS, sob orientações de fisioterapeutas, médicos, integrantes da unidade.

O Sesc Prudente desenvolve uma intensa programação cultural e esportiva. Na área de cultura destaca-se a parceria com o Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente (Fentepp) junto com o Governo do Estado e a Secretaria Municipal de Cultura, a Virada Cultural Paulista que teve sua 3ª edição em 2009 e nas cidades da região a Mostra Sesc de Artes, é desenvolvida em Osvaldo Cruz, Adamantina, Lucélia e Tupã.

A programação cultural ofereceu para a cidade de Presidente Prudente diversas opções entre artes cênicas, musicais, expressões corporais, literária e artes plásticas. Seu intuito era e é o de atrair a população. Aos sábados e domingos apresentações musicais e teatrais, são realizadas gratuitamente, acontecem na área de convivência do Sesc Thermas.

Segundo Oliveira (2009), a entidade oferece uma lista de nomes importantes da música como Lenini, Frejat, Caetano Veloso, Cordel do Fogo

Encantado, Leela, Maria Rita, Jair Rodrigues, Ludov e outros, promovendo assim uma grande miscigenação cultural, tanto de público, quanto de artistas.

Desde a implantação do Sesc na cidade houve uma grande mudança e influência na área cultural, e o mais importante é que qualquer pessoa pode participar de suas atividades.

Todos os sábados o Sesc abre um espaço na área de convivência às 16h para apresentações musicais gratuitas. Aos domingos esta atividade é voltada para a área teatral geralmente traz peças infantis, às 15h, também na área de convivência. Encontros literários, de artes plásticas, corporais, workshops, palestras, cursos são disponibilizados pela entidade ao decorrer do ano. (Oliveira, 2009).

Todas as atividades possuem um preço acessível ou são gratuitas e toda população pode participar. Segundo Oliveira (2009), desde 2007 foram mais de 195 bandas, 265 apresentações teatrais, mais de 50 apresentações de dança, 40 de artes visuais, incluindo oficinas, exposições, apresentações e workshops.

#### **4.2 Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente (Fentepp)**

O Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente (Fentepp) completou sua 16ª edição em 2009. E a cada ano que passa tem se consolidado ainda mais como um importante festival no panorama nacional.

Em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Presidente Prudente, o Governo do Estado de São Paulo e o Sesc-SP, o evento proporciona anualmente uma semana repleta de atrações teatrais e atividades como palestras e workshops. Segundo Fentepp (2009), o evento é uma parceria da Secretaria Municipal de Cultura, Sesc/SP e Secretaria de Estado da Cultura.

O teatro nacional encontra seu espaço em Presidente Prudente, e atrai companhias de vários estados, possibilitando assim o encontro de quem faz e assiste teatro para discussões e reflexões voltadas à formação e aprimoramento de artistas e público.

Teatros, ruas, praças e espaços alternativos serão tomados pela criação artística. Espaços urbanos mudarão suas funções cotidianas para se tornarem cenários das histórias que fascinam o homem e se interpõem trazendo à tona inspirações, expressões e respirações. (FENTEPP 2009).

É nesta época que Presidente Prudente torna-se centro e ponto de referência do teatro nacional com produções de companhias de diversas partes do Brasil que passam por uma seleção de especialistas da área como Denílson Biguette e o secretário de cultura Fábio Nogueira.

As companhias concorrem a prêmios de melhor espetáculo, figurino, ator, atriz, atriz coadjuvante, ator coadjuvante, sonoplastia, iluminação, cenário, atriz revelação e ator revelação. Além de participarem de bate-papos com especialistas e críticos da área que avaliam os espetáculos.

Palestras, apresentações e workshops transformam a cidade na semana do Fentepp em um pólo teatral. O Festival geralmente acontece entre os meses de agosto ou setembro e é exibido em diversos pontos da cidade com apresentações gratuitas ou com preço acessível à população.

### **4.3 Virada Cultural Paulista**

A terceira edição da Virada Cultural Paulista na cidade de Presidente Prudente aconteceu em 2009. É uma realização da Secretaria do Estado da Cultura, Governo do Estado de São Paulo com apoio do Sesc-SP e a Secretaria Municipal de Cultura. O evento leva a 20 municípios do Estado mais de 560 atrações diferentes, entre elas música, dança, teatro e artes plásticas.

São 24 horas de atrações, nas quais instituições e espaços públicos foram ocupados por espetáculos e shows, todos com entrada gratuita. Unidades do Sesc e Sesi, que são instituições apoiadoras do evento possuem programação integrada na Virada Cultural. Segundo a reportagem de Tassitani (2009), o evento é realizado em Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Caraguatatuba, Franca, Indaiatuba, Jundiaí, Marília, Mogi das Cruzes, Mogi Guaçu, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Santa Bárbara d'Oeste, Santos, São Bernardo do Campo, São José do Rio Preto, São João da Boa Vista, São José dos Campos e Sorocaba e tem como co-realizadores as prefeituras dos municípios contemplados.

Na música, segundo Tassitani (2009), apresentaram-se artistas como Moraes Moreira e Banda, Otto, Lobão, Ratos de Porão, Lenine Cachorro Grande, Leci Brandão, CPM 22, Pitty e Dona Ivone Lara, Jorge Ben Jor, Ná Ozzetti, Arrigo Barnabé, Arnaldo Antunes, Titãs e MV Bill, Monica Salmaso e Sepultura. Também as presenças de artistas de sucesso nos anos 80, com apresentações retrô, deram um toque especial à programação. O público pode conferir shows de artistas como Trio Los Angeles, Antônio Carlos & Jocaifi, Radio Taxi, Blitz, entre outros.

Ainda segundo Tassitani, na sessão de cinema foram exibidos os filmes: "O Fabuloso Destino de Amélie Poulain", "Paris, Te Amo"; uma coletânea com 21 curtas; "Pintar ou Fazer Amor", "Em Paris e o infantil Brincadeiras de Criança".

O Cinema Tocado é uma sessão de cinema mudo com trilha sonora executada ao vivo pelos músicos no qual o público teve acesso livre e gratuito.

No teatro e dança apresentaram-se grupos como "Quero", com o grupo Folias D'Arte, "O Homem da Tarja Preta", de Contardo Calligaris.; "Na Casa de Ruth", da cantora Fortuna; "A Comédia do Trabalho", da Cia. do Latão; A Brava Companhia apresenta o espetáculo "A Brava", que conta a saga de Joana D'Arc nos dias de hoje.

Tassitani (2009) ainda cita que na dança tiveram apresentações de grandes companhias como a São Paulo Cia. de Dança, que apresenta Gnawa e Serenade o Balé da Cidade de São Paulo, que leva "La Valse", Frágil e

Dualidade@Br e coreografias mais contemporâneas como “Lado B” do grupo Repentistas do Corpo, ou Jardim de Tândalo, da Cia. Borelli.

Este capítulo abordou o contexto histórico do Sesc no Brasil e na cidade de Presidente Prudente, e citou eventos em que a entidade entra em parceria como: Fentepp e Virada Cultural Paulista. O próximo capítulo tratará de questões sobre o jornalismo impresso. Desde sua história, às vertentes do jornalismo especializado e também recursos utilizados por repórteres, editores e paginadores.

## 5 JORNALISMO IMPRESSO

Para Bahia (1990), o jornalismo é o meio pelo qual a notícia chega ao público. Seu significado é unir, apurar, difundir tanto notícias quanto idéias de forma clara objetiva e direta.

Jornalismo é a forma de se comunicar dentro de uma sociedade, sua principal função é informar, ou seja, expor os atos e acontecimentos de uma sociedade de forma simples e clara. Trazer de volta assuntos que talvez passassem despercebidos perante o mundo, tráz à tona diariamente a história de um povo, de um mundo focado na verdade e objetividade.

O jornalismo deve ser comunicação útil. Informar, jornalisticamente falando, também significa noticiar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, estejam ou não relacionados com a ação dos agentes de poder. Os acidentes, os casos de polícia, o desporto, a moda, o patrimônio natural e histórico, as notícias do estrangeiro, o comportamento da bolsa, a informação de serviços, os testes comparativos para ajudar o consumidor a fazer as melhores escolhas são alguns dos muitos exemplos de temáticas abordadas pela imprensa jornalística (SOUSA, 2001, p. 12).

Para Bahia (1990), principal função do jornalismo é fornecer informações que definam o que é a realidade e deixando-a compreensível. São critérios fundamentais para que o jornalismo seja ético a veracidade, a objetividade, a honestidade, a credibilidade e a exatidão.

De acordo com Bahia (1990), o surgimento do jornalismo se dá anteriormente à imprensa, antes da prensa de Jhohanes Gutemberg, com a capacidade de produzir mensagens coletivas.

A missão do jornalismo se confunde com a natureza da informação. Sua prioridade básica é difundir notícias. [...] Desde o começo o jornalismo busca influenciar e alterar padrões de comportamento, induzindo atitudes, registrando formas de produção e gerando hábitos de consumo [...] O jornal moderno é parte da cultura de massa, resultado de grandes transformações na imprensa, na sociedade e na história. [...] as técnicas do jornal são técnicas do jornalismo, digam respeito a um diário, uma entrevista, a um rádiojornal, a um telejornal ou a um cinejornal. Tal como o jornal, o jornalismo não é propriamente uma invenção. Deve ser entendido como um processo histórico e cultural tão laboriosamente aperfeiçoado no tempo (BAHIA, 1990, p. 20-21).

De acordo com Bahia (1990), tudo começa no surgimento da escrita. Textos feitos manualmente para uma minoria alfabetizada. As primeiras reproduções escritas em forma de cunha, em argila ou cera. Pouco havia se desenvolvido até então.

No ano de 1450, Johannes Gutemberg desenvolve a prensa de tipos móveis. Utilizava-se caracteres avulsos gravados em blocos de madeira ou chumbo, que eram colocados em tábuas formando assim os textos. Estes eram prensados, garantindo mais praticidade no trabalho de impressão.

Segundo Sodré (1999, p. 1), a história da imprensa está diretamente ligada ao desenvolvimento da sociedade capitalista. As trocas de documentos como em Roma, pertencia apenas à uma pequena classe social, já que a maioria da população era analfabeta. A imprensa teve um lento desenvolvimento pois ainda era controlada por forças governamentais, mantia-se então restrita.

Para Travancas (1992, p. 17), o grande impulso do jornalismo foi no século XVIII com a Revolução Industrial. É neste período que a imprensa se desenvolve e ganha forças. De acordo com Travancas (1992, p. 17), “os principais interesses dos jornais de então eram mercantis e políticos”.

Apenas depois da Revolução Francesa, no ano de 1789, que os jornais passaram a ter as características atuais.

Antes de Gutemberg, em 1450, com seus tipos móveis, Barcelona (1428) e a própria Alemanha (1440) abrigam iniciativas como a impressão de cédulas de contrato pelo sistema primitivo xilográfico. Nessa época tornou-se comum, regular a circulação de cartas noticiosas manuscritas de conteúdo comercial (BAHIA, 1990, p. 34).

Foi nos EUA que o jornalismo estabeleceu sua força e independência. O primeiro jornal foi o *Boston News Letter*, criado em 1704, na cidade de Boston. Segundo Travancas (1992), os EUA foram o terreno fértil para o avanço do jornalismo com jornais de até 29 edições por dia e com mais de 30 páginas, a imprensa a vapor tinha capacidade de rodar até 1.100 folhas a cada hora.

O jornal *Times* utilizou a máquina a vapor em 1814 para sua primeira impressão. Era o primeiro passo para o jornalismo como comunicação de massa. Para Sodré (1999), esta foi mais uma prova do desenvolvimento capitalista e também da imprensa.

De acordo com Sodré (1999), o desenvolver dessa disseminação de informação de massa estava ao lado do surto demográfico e a saída do homem do campo para os centros urbanos. Eram tempos de mudança e a notícia, como informação se transformara numa necessidade populacional. A divisão do trabalho e as novas formas de vida aumentavam o público consumidor de notícias cada vez mais e os anunciantes também ganhavam com isso. Estes foram os primeiros passos para anúncios publicitários.

Para Travancas (1992), os anúncios apareceram pela primeira vez no jornal francês *La Presse*, em 1836, que alcançou uma tiragem de 10 mil exemplares.

A luta pela rapidez exigiu da imprensa sucessivos inventos, conduzindo à velocidade na impressão, acompanhando o enorme e crescente fluxo de informações, devido ao telégrafo e ao cabo submarino, e depois ao telefone e ao rádio. Em toda área capitalista do mundo, essas transformações se alastram rapidamente (SODRÉ, 1999, p. 3).

Segundo Sodré (1999), quando a linotipo foi criada, máquina de composição, passou a ser possível a publicação de jornais com milhares de tiragens. O avanço tecnológico e a industrialização foram a grande aliança com a imprensa do século XIX. O telégrafo, o primeiro cabo transatlântico e o telefone foram os novos recursos que auxiliaram a produção e distribuição das notícias pelo mundo.

Segundo Travancas (1992, p. 18), “[...] a primeira agência de notícias – Havas Ruters – de origem francesa, foi fundada em 1832 e no início de suas operações chegou a utilizar pombos-correio para transmissão de informações”.

Bahia (1990), fala que foi Benjamín Day deu o primeiro passo para o jornalismo atual, ao desligar seu jornal inglês, *Sun*, de subordinações de agrupamentos partidários passando a publicar sobre processos judiciais e crimes. O jornal *Sun* tornou-se, então, em pouco tempo um dos mais lidos na época, foi preciso aumentar o número de páginas devido aos anúncios.

O jornal *Morning Herald* abriu espaço para publicações de baixo custo voltada a uma grande massa, os jornais eram feitos para essas massas o que os diferenciava das obras literárias.

Logo a grande imprensa capitalista compreendeu, também, que é possível orientar a opinião a través do fluxo de notícias; as associações especializadas em colhe-las prepará-las e distribuí-las facilitaram os trabalhos dos jornais, quando o custo dos serviços telegráficos se tornou proibitiva para cada um, isoladamente, e conflitante com a necessidade de baixo preço unitário para venda avulsa. A partir da segunda metade do século XIX o problema estava entre a luta das agências de notícias, que adiante, seriam associadas aos monopólios industriais em ascensão, e terminariam concentrando-se como aqueles (SODRÉ, 1999, p. 4).

De acordo com Breguez (2009), o que caracteriza o estilo jornalístico entre 1900 e 1920, é o excesso de adjetivos utilizados, com reportagens longas sem preocupação com o leitor. O jornalismo informativo passa a se definir a partir do final da I Guerra Mundial.

Breguez (2009) explica que na Inglaterra e nos EUA as novas formas de jornalismo focavam na narração e no relato dos acontecimentos. É nesta época que aparece a técnica do *lead* no início do texto utilizando as perguntas básicas: O

Quê?, Quem?, Quando?, Como?, Onde? e Por quê?.

O autor ainda explica que após o final da II Guerra Mundial, as mudanças vieram na forma de apresentação gráfica, que acompanhavam o avanço gráfico e tecnológico.

O jornalismo, diante da concorrência com o Rádio e a TV, teve que mudar. Ele tem que apresentar a informação diferentemente dos veículos audiovisuais e busca mostrar –mais- detalhes ao leitor. O jornalismo aí reveste de profundidade - as reportagens longas das revistas semanais -*Veja* e *Istoé* , além dos jornais alternativos como *Opinião*, *Movimento*, *Ex*, *Debate & Crítica*, etc- os grandes jornais mudam aos poucos seu estilo de redação formalista e tradicionalista. Aliviam o clima da Era da Ditadura do Lead, deixam o repórter usar um pouco mais de imaginação. (BREGUEZ, 2009)

## 5.1 Jornalismo no Brasil

Segundo Bahia (1990, p. 9), “Sob o signo do oficialismo e um atraso de três séculos que se inaugura a imprensa no Brasil, em 1808”. É em maio deste ano que são instaladas as oficinas de “*Imprensa Régia*” e no mês de setembro começa a circular o primeiro jornal, “*A Gazeta do Rio de Janeiro*”.

O advento do jornalismo se dá no momento de transição da colônia para a sede do poder real [...] as peças de composição em impressão servem a artifícios portugueses e brasileiros para a produção de livros, papéis diplomáticos, confecções de leis e cartas. E para a edição da *Gazeta do Rio de Janeiro*, sob os cuidados de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (BAHIA, 1990, p. 9).

Hipólito Costa é considerado patrono da imprensa no Brasil, pois editou em junho de 1808 o *Correio Brasiliense* ou também chamado, *Armazém Literário*. O autor ainda explica que a arte gráfica no Brasil é clandestina na época e o domínio colonial português de 1500, tenta minar qualquer manifestação livre de pensamento até a chegada de D. João VI.

Bahia (1990) afirma que nas colônias brasileiras, os jornais

adquiriram expressões políticas e sociais com sátiras de poetas panfletários como Gregório de Matos. Alguns anos depois da Gazeta do Rio de Janeiro começavam a aparecer na Bahia os primeiros jornais e revistas.

As principais razões para Portugal ir contra a imprensa no país, são para garantir o colonialismo, o controle político e deter qualquer aspiração de liberdade. É por conta deste colonialismo que existiu o atraso na montagem tipográfica.

De acordo com Bahia (1990, p. 11), a Carta Régia de 1447, que mandava fechar a tipografia, punia infratores com penas de prisão e exílio, que eram remetidos para a metrópole. Esse clima de terror só muda a partir de 1808.

Nos séculos XVII e XVIII, o jornalismo que aparece a tipografia restabelece formas antigas de comunicação da notícia, da idéia e da crítica, para exprimir a insatisfação popular contra o domínio estrangeiro. Na Bahia e em São Paulo, a partir de 1587, autores de gazetins escritos e falados sofreram devassas dos jesuítas (BAHIA, 1990, p. 31).

Em Minas Gerais o primeiro jornal, *O Compliador*, aparece em 1823. Em Olinda, *O Olindense*, como um órgão estudantil. O *Diário de Pernambuco* também é lançado no ano de 1823, fundado por Antônio José de Miranda Falcão. Este jornal ganha dimensões e no ano de 1854 passa a disputar com *O jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, que recebia o título de jornal mais completo do Brasil.

Segundo Bahia (1990, p. 40), o *Spectador Brasileiro* foi criado em 28 de junho de 1824, e não chega a completar três anos, sendo fechado em 23 de maio de 1827. O jornal *Atréa*, concorrente da *Gazeta do Brasil*, acolhe uma carta-artigo sobre o caso do *Spectador Brasileiro*, na qual é aberta uma discussão. Ainda de acordo com o autor, na província de São Paulo, também em 1827, circula *O Farol Paulistano*, de José da Costa Carvalho. Um dos seus redatores, Antônio Mariano de Azevedo Marques, o criador de *O Paulista*, em 1823, jornal inteiramente manuscrito que responde a uma dificuldade irremovível para ele o acesso a um estabelecimento gráfico.

Bahia (1990, p. 84), informará que a imprensa entre 1808 e 1880 teve uma etapa panfletária de quatro décadas. “É um período em que a influência

de um jornal não é medida por seu tamanho, qualidade ou prestígio”. A força de opinião é que fazia o jornal vender.

Após 1880 começa a segunda fase da imprensa no Brasil com a instalação de novos equipamentos de impressão. É a partir do século XX que a imprensa passa a seu estágio empresarial. A tipografia perde o caráter artesanal para novos aparelhos. O jornalismo passa a ser visto como uma empresa na qual o leitor fica cada vez mais exigente. São os primeiros passos do jornalismo que se conhece atualmente.

O jornal e a tipografia como indústrias, cada qual com seu mercado, precedem a República, mas é a partir da nova ordem institucional que se afirma, que se consolidam. Quatro são as etapas fundamentais no desenvolvimento da tipografia: a máquina de papel, de Luis Robert (1798); a prensa mecânica de Frederico Koning (1812); a prensa rotativa de Marinoni (1850), e a linotipo de Mergenthaler (1885) (BAHIA, 1990, p. 109).

De acordo com Bahia (1990, p. 22), “Nesses anos, o conceito de reportagem gráfica projeta-se da dimensão que alcança o desempenho, seja como ilustração a antecipar a fotografia”.

Na ausência da fotografia, a ilustração registra o mais fielmente possível as mudanças que ocorrem na sociedade imperial republicana. Mas também acrescenta a esta visão sátira, a ironia, a informalidade e o deboche. A fase de fastígio das publicações ilustradas do gênero abrange os séculos XIX e XX, e deve aos primeiros chargistas uma contribuição certamente pioneira e principalmente normativa. (BAHIA, 1990, p. 123).

De 1920 a 1950 os jornais tendem a se consolidar como empresas de comunicação e passam a atender as exigências da sociedade. A notícia torna-se prioridade, a informação diária se populariza com a publicação de folhetins, eventos policiais e esportivos. É durante o período da I Guerra Mundial que ocorre uma evolução no conteúdo jornalístico.

É só após o fim da Guerra que as marcas do publicismo começam a desaparecer. Segundo Bahia (1990), os mais importantes jornalistas da época eram também os mais destacados publicistas. Por este motivo passam a existir

diferentes funções dentro da redação de um jornal.

A empresa jornalística é vista como um investimento atraente, duradouro, responsável. Essa concepção de empreendimento responsável que se atribui ao jornal substitui a concepção de risco inevitável, quase sempre associada a uma conveniência de ocasião, ao partidarismo, ao aventureirismo. Nela se abrigam objetivos que equilibram o lucro, a ética e o crescimento (BAHIA, 1990, p. 173).

É na década de 30 que se define a fase moderna da imprensa no Brasil. Para Bahia (1990, p. 208), “É o passo para uma indústria cultural de identidade própria, enriquecida desde a semana de Arte Moderna por movimentos diversos que procedem de várias partes do país, tanto de origem intelectual quanto operária”.

A evolução do jornalismo de massa teve grande audiência nas camadas mais baixas da população que passava a ter seu espaço para questionar e reclamar.

No Brasil depois de 30, dois extensos períodos administrativos passam à história como épocas de repressão, arbítrio e autoritarismo: o Estado Novo, de 1937 a 1945; e o regime militar de 1964 a 1985. Ambos os sistemas, embora abrigados sob uma legalidade formal, derivam da violação constitucional pelas armas, e desta forma, operam como poderes ditatoriais. [...] Na história política brasileira, desde 1822 nenhum outro período de exercício de liberdade se sobrepõe ao Estado Novo e ao regime militar. São estes dois períodos os que mais negam a liberdade e a democracia no país e os que mais ofendem a consciência nacional, na tentativa de domínio fascista, a começar pela negação de livre manifestação do pensamento.

São igualmente, anos que o jornalismo e outras formas de expressão como o livro, o teatro, a música, etc., sofrem censura prévia, ocupação militar e civil, violência moral, física e material com prisões, perseguições, cassações, tortura, exílio e confinamento. (BAHIA, 1990, p. 234).

Para Bahia (1990), o que faz um grande jornal não é só o que ele exprime de tiragem e receita publicitária, mas principalmente sua opinião. Nesta linha editorial que instalam-se os sinais de credibilidade, veracidade, atualidade, firmeza, identidade e coerência.

Os jornais podem ser menos influentes hoje que no passado. No século XIX e no começo do século XX, a imprensa era mais poderosa numa sociedade menos pluralista e na qual a informação se apresentava menos concentrada. Havia uma dependência maior da sociedade em relação à opinião escrita do que contemporaneamente (BAHIA, 1990, p. 242).

Por trás das informações estão as agências de notícia. São empresas produtoras de notícia com muitos repórteres e redatores como um exército produtor de matérias diárias. Cada grande jornal emprega diversas pessoas capazes de gerar novidade de consumo populacional.

A imprensa brasileira, ocupa lugar relevante no moderno jornalismo mundial. Nas últimas décadas do século XX, ela reflete a própria situação do país como oitava potência industrial do ocidente. E é tão bem aparelhada quanto a imprensa dos EUA, da Europa, Japão. Seus padrões de conteúdo costumam ser comparados aos dos melhores jornais e revistas de prestígio internacional (BAHIA, 1990, p. 369).

Segundo Noblat (2002), “a Associação Americana de Jornais vem anotando há 50 anos as queixas mais comuns dos leitores de jornais. E elas são quase sempre as mesmas. Erros de ortografia, tintas que mancham as mãos, páginas que se soltam quando manipuladas, o excesso delas e o formato”. Para Noblat (2002), o cardápio dos jornalistas está mais de acordo com o gosto dos próprios jornalistas do que com o leitor.

Hoje é função de um jornal diário sempre ter pautas renovadas com a intenção de conquistar leitores, sempre surpreende-los, tornar o jornal mais humanizado para que se aproximem da sociedade, abrir espaço, fazer aposta nas reportagens que diferenciam um jornal de outro, os textos precisam tocar e principalmente ter profissionais qualificados para tal tarefa. Sabe-se que o que vende um jornal é seu conteúdo, mesmo que os jornais morram com o tempo, já faz parte da história e hoje ainda é o meio de comunicação mais popular e de maior acesso ao público.

De acordo com Ferreira (2004), “O processo de modificação dos jornais brasileiros teve início a partir da década de 1950, um panorama que se estende

até os dias de hoje. Destacando-se para reforma gráfica, no Rio de Janeiro, do *Jornal do Brasil*".

Um jornal é ou deveria ser um exemplo da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência. E que não tema jamais ampliá-la [...] Jornalismo não é obra exclusiva de jornalistas. Tanto quanto nós, os leitores são responsáveis pelo bom e pelo mau jornalismo que fazemos. Porque eles tem o poder, e todo o poder. Podem comprar um jornal de quiserem. E se quiserem podem deixar de comprá-lo (NOBLAT, 2002).

O jornal deve em primeira instancia servir como um serviço público e assim permanecer. O jornal precisa ser entendido e compreendido por quem o lê.

Quanto ao jornalismo impresso na cidade de Presidente Prudente no interior do estado de São Paulo conta com dois grandes jornais que abastecem ela e região. "*O imparcial*" e "*Oeste Notícias*".

## 5.2 Jornalismo Cultural

Segundo Bahia (1990, p. 214), o jornalismo especializado é uma necessidade social que resulta do desenvolvimento das relações em sociedade. É a técnica de tratamento da notícia que se aperfeiçoa das tecnologias industriais, culturais, pesquisas e experiências.

O jornalismo especializado se consolida na sociedade com a multiplicidade de oportunidades de negócios e reorganização do trabalho, voltada para um público específico.

Para Bahia (1990), hoje, as páginas culturais dos jornais são ainda, uma das mais lidas entre os jornais brasileiros. Além disso, ganha *status* no mundo de leitores jovens. Sabe-se que até hoje o jornalismo cultural ainda tem

suas raízes sendo considerado um segundo caderno, com menos importância que o cotidiano, político, policial, econômico e de esportes.

Não se pode ignorar a riqueza de assuntos que podem ser abordados, aliás, a cultura está diretamente ligada ao dia a dia de cada cidadão. Segundo Piza (2003), o que empobrece um caderno cultural é a forma como é banalizado e discriminado em muitas redações jornalísticas. Há muito o que se fazer dentro do ramo das notícias culturais, principalmente as *hard news*, que têm pressa e são inevitavelmente adiadas. É um tipo de jornalismo que precisa ser reconhecido e que muitas vezes parece simples e fácil de se fazer, mas que lidar com cultura não é tão tranquilo assim.

De acordo com Bahia (1990), um dos primeiros traços do jornalismo cultural se deu no ano de 1711 com o surgimento de uma revista de dois ensaístas ingleses chamada *The Spectator*, eles pretendiam que os assuntos da revista fossem discutidos em cafés e universidades; e assim aconteceu. A revista falava de livros, óperas, política, teatro e outros assuntos que tocavam diretamente o leitor.

O jornalismo cultural, dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, e a imprensa já tinha sido inventada (por Gutenberg em 1450) e o Humanismo se propaga na Itália e pela Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França (NOBLAT, 2003, p. 12).

Era início de um novo jornalismo, graças ao poder da imprensa. Mas foi em meados do século XIX que o jornalismo cultural deu uma nova volta para se tornar mais influente. Atravessou oceanos e chegou à América contaminando as mídias impressas que desenvolviam-se rapidamente. Foi também no século XIX nos EUA que a cultura multiplicava e se solidificava. No Brasil o jornalismo cultural só passa a ganhar força no final do século XIX. Nasceu de escritores como Henry James, Machado de Assis e Eça de Queiroz que passaram diretamente pelo jornalismo cultural. E foi neste final de século que as críticas começaram a ser feitas em periódicos.

De acordo Piza (2003), até meados do século XX o jornalismo apresentava-se com pouco conteúdo noticioso e muito articulismo político e debates de obras literárias. Com o início da arte moderna as vertentes do jornalismo cultural começaram a se transformar e a reportagem passou a ter muita importância. O jornalismo cultural descobriu, além da reportagem, a entrevista com críticas de arte muito mais breves e participativas.

As revistas tiveram importância significativa para o jornalismo cultural em seu trabalho de divulgação, os tablóides também receberam uma atenção especial. Acontece que com a revolução cultural, em extrema expansão no século XX, havia assunto o tempo todo.

No Brasil, por exemplo, o modernismo paulista teve na linha de frente a revista Klaxon, título que significa “buzina”; e o buzinaço promovido por Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Victor Brecheret e outros no Teatro Municipal, a Semana de 22, deixa ecos até hoje. (PIZA, 2003, p. 19)

Nos EUA, surgiram os primeiros críticos que se formaram no jornalismo também de arte como o caso de H. L. Macklen e Edmund Wilson, que são considerados os mais famosos da época. A crítica é a espinha dorsal que deu início e força ao jornalismo cultural, e se mantém importante até os dias atuais.

Na Europa o jornalismo cultural é levado muito mais a sério que no continente americano, as reportagens traziam sempre grandes nomes para suas críticas e entrevistas, havia constante participação de intelectuais como André Malraux, Jean Paul Sartre e outros.

Nos últimos anos o jornalismo cultural vem mais e mais se expandindo para os livros. Coletâneas de ensaios e críticas são mais corriqueiras, assim como projetos de reportagens feitos diretamente para livros. Muitos jornalistas tem se dedicado a escrever biografias, gênero que teve um boom a partir da década de 1980. E a história cultural, nos mais variados formatos, desde biografias de cidades até relatos de encontros de intelectuais, continua ganhando bastante espaço. Também a internet, na peneira, tem servido como caminho alternativo para o jornalismo cultural. Embora as tentativas de revistas culturais com alguma inteligência ou sofisticação tenham fracassado ou apenas 'empatado, esbarrando em questões de escala ou financiamento, além de prescindirem do prazer tátil prático que existem nas edições em papel, a demanda por esses assuntos é inequívoca. Incontáveis sites se dedicam a livros, artes e idéias, formando fóruns e prestando serviços de uma forma que a imprensa escrita não pode, por falta de interatividade e espaço (PIZA, 2003, p. 31).

É fato que muitas revistas culturais perderam a força. Portanto, o jornalismo cultural não é mais o mesmo. Há uma forte influência do mundo das celebridades na qual deixa autores de livros e escritores de lado. E torna-se pequeno quando entra em questão o monstruoso mundo da audiência. Daniel Piza (2003) cita que as publicações passaram a repercutir muito mais os assuntos de interesse de massa.

O jornalismo cultural no Brasil não foi lá muito diferente do de outros países na questão de seu desenvolvimento, acontece que sua evolução foi um tanto quanto tardia. Um grande meio da história do jornalismo cultural no país é a revista *O Cruzeiro* que conseguia atender todos os tipos de público e ressaltou textos de autores como José Lins do Rego, Marques Rebelo e artigos do escritor e compositor Vinícius de Moraes. A crônica é um tipo de texto que teve importância extrema no decorrer do jornalismo cultural brasileiro, está presente até hoje e faz parte do cotidiano dos jornalistas, como Mario Prata.

Segundo Piza (2003), o jornalismo cultural não é livre como os textos literários, porque precisa seguir as linhas básicas do jornalismo como atualidade, relevância, de interesse público, objetividade, com boa apuração, de linguagem simples e direta. Acontece que pode-se ousar mais e brincar mais, o que o torna muitas vezes divertido e não simples. Dependendo do meio em que a notícia cultural será veiculada, recebe características mais eruditas ou populares.

Nos jornais diários os principais assuntos são filmes, shows, peças teatrais, moda, famosos, livros e discos. No mundo ocidental existe a preocupação tanto com a informação quanto os aspectos culturais, independente de quais sejam.

Quem sabe fazer jornalismo cultural consegue transformar a cultura em um verdadeiro espetáculo na qual o leitor se prende e se apaixona. Torna-se um tipo de notícia considerada gostosa de se ler, sempre focando o que é novidade.

De acordo com Piza (2003), o jornalismo cultural tem a função de contribuir para o caráter intelectual de seu leitor. Não é apenas registrar e informar sobre o concerto musical que acontecerá no final de semana. Mas trazer algo mais, informativo na área para quem lê. Por isso é um jornalismo diferenciado.

Portanto, o jornalismo cultural sempre recebe um espaço especial e os profissionais que souberem trabalhar informação do erudito e do contemporâneo, englobando as regras do jornalismo e muita criatividade poderá encantar leitores que terão o prazer de abrir suas páginas de jornais.

### **5.3 Elementos do Jornal Impresso**

Segundo Bahia (1990, p.9), “[...] a palavra jornalismo significa apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, idéias acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez de modo a conjurar pensamento e ação”. O jornalista faz com que a comunidade participe da vida social. Independência, veracidade, objetividade, imparcialidade, exatidão e credibilidade são alguns quesitos necessários para que uma empresa jornalística seja bem sucedida.

A profissão do jornalista exige uma variedade de aptidões. Para Bahia (1990), o que seduz um jornalista são os riscos e desafios da profissão, não o dinheiro.

Esta é uma profissão dinâmica e tão responsável, que é das poucas – ou das únicas – que não permitem o silêncio quando se precisa calar. E também das raras nas quais, passa a ser militante basta ser substantivamente jornalista, sem necessidade de qualquer outro acréscimo. Faz-se a carreira no jornalismo como em poucas outras profissões e certamente se dará melhor nela quem for capaz de prover a vocação com boa dose de competência, espírito público, coragem e honestidade. Os três principais aspectos que caracterizam o jornalista são sua vocação, técnica e ética (BAHIA, 1990, p. 32).

Segundo Bahia (1990), notícia é tudo o que o jornal publica, ou seja, é sinônimo de acontecimento, matéria, dado, verdade, certeza, informação e comunicação. A notícia é o objeto de trabalho do jornalista e torna os acontecimentos acessíveis ao público através dos meios de comunicação.

Toda notícia é uma informação, mas nem toda informação é uma notícia. Diariamente os veículos de jornalismo recebem de suas fontes toneladas de informações que passam por um crivo de seleção, tratamento e coordenação para só então tornarem-se notícias para consumo público (BAHIA, 1990, p. 35).

Existem os requisitos básicos que são fatores essenciais para uma notícia, como interesse, importância, veracidade e atualidade. Para se apurar uma notícia um jornalista, segundo Lage (1999), precisa saber que poucas matérias originam-se da observação direta, a maioria possui informações fornecidas por instituições ou personagens que recebem o nome de fontes.

Para Bahia (1990), fontes são essenciais à apuração de uma notícia ou reportagem. Podem ser diretas, compostas por vítimas ou testemunhas, indiretas no caso de pessoas envolvidas, documentos e complementos ou complementares que são informações adicionais geralmente encontradas em livros e arquivos de pesquisa.

São elementos úteis ao conteúdo das notícias, para completá-las e valorizá-las: apuração, correção, concisão, pesquisa, comparação, interpretação, seleção. As notícias que chegam pelo jornal, rádio ou televisão aos seus destinatários não devem ser apenas relatos fiéis, mas o reflexo de critérios e valores que as tornaram possíveis (BAHIA, 1990, p. 39).

Escrever faz parte da atividade profissional do jornalista. Mas para ser feito um bom trabalho, precisa primeiramente ser bem apurada. Questionar, averiguar, indagar, conhecer, esclarecer as versões de um fato faz com que a notícia seja real. Segundo Bahia (1990, p. 40), “[...] a apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo”. É preciso fazer sempre um levantamento dos dados para se produzir uma notícia. A apuração aparece antes mesmo da produção de uma pauta.

A denominação pauta aplica-se em duas coisas distintas: a) ao planejamento de uma edição ou parte da edição (na redação estruturadas por editoriais – de cidade, política, economia, etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestão de fontes etc. b) a cada um dos itens desse planejamento, quando atribuído a um repórter. Ele dirá “a minha pauta”, quer tenha recebido como tarefa, quer tenha um propósito (o que é comum, particularmente com free lancers) (LAGE, 2003, p. 34).

A parte principal de um texto jornalístico é o lead, ele responde de forma clara rápida e direta o assunto principal da notícia. Responde às seis perguntas básicas: o quê?, quem?, quando?, onde?, como?, por quê?.

Para Bahia (1990), o resto da notícia será mais valorizado se levar em conta a hierarquia de importância e atualidade dos fatos. Evitar longos parágrafos e palavras de difícil entendimento. O importante é ser claro e objetivo.

O título é parte fundamental de uma reportagem. Segundo Bahia (1990), ele possui sua própria estrutura, diferente do texto.

O título deve atrair a atenção e dar uma idéia geral dos fatos que precede. É importante que o título mantenha consistência com o texto [...] deve ter fidelidade ao texto do qual é tirado, por mais abstrato que pareça. Assim o título anuncia o fato, resume a notícia e embeleza a página [...] precisa não só ser bem elaborado na redação como também visualmente íntegro com caracteres apropriados (BAHIA, 1990, p. 47).

A entrevista é uma atividade importante para se apurar uma notícia. O repórter em sua atividade diária deve ouvir o maior número de pessoas

possíveis para obter a informação. Uma entrevista exige técnica, capacidade profissional do entrevistador sobre o elemento e o fato apurado.

Bahia (1990) afirma que o mais importante dentro de uma entrevista não são as respostas claramente expressas, mas sim as reações do entrevistado. O repórter não pode deixar de explorar a comunicação silenciosa como olhares, gestos e atitudes. Todo detalhe comportamental do entrevistado. A entrevista depende das habilidades do jornalista que a faz, para conduzir uma boa reportagem é preciso que o profissional tenha um bom suporte de base sobre o assunto que abordará com o entrevistado.

A página editorial é onde se faz a separação do que é notícia e do que é opinião. A carta aos leitores é o espaço dado pelo jornal para que o público se manifeste. É o espaço aberto ao intercâmbio de informações. Segundo Bahia (1990, p. 108), “[...] por elas opina o leitor mesmo que essa seja frontalmente contrária à do veículo”.

O editorial sucede o artigo de fundo, sem que mude basicamente sua natureza. É outro porém, o seu caráter. Ele resulta essencialmente da reformulação técnica de conteúdo por que passa o jornalismo e da divisão industrial da redação que introduz o sistema de editores. O artigo de fundo é uma criação da imprensa. E procede de uma fase em que sendo, predominantemente opinião o veículo reserva um espaço próprio à apresentação, formulação, sustentação de suas posições de princípio (BAHIA, 1990, p. 97).

A fotografia jornalística possui ponto importante dentro de um jornal impresso ou de uma revista. Segundo Bahia (1990, p. 128), “depois da linotipo a fotografia se incorpora à notícia como um elemento vital à sua compreensão, amplitude e documentação, torna-se assim um acréscimo de valor”. A imagem completa o texto, ou seja, a foto tem um grande valor informativo que aliado ao texto diz muito mais. Um fotógrafo de redação age como um jornalista, mas ao invés de entrevistar pessoas, captura imagens para dar mais valor ao veículo impresso, conseqüentemente mais veracidade aos fatos.

Após abordar todo contexto histórico sobre o jornalismo impresso, e as técnicas de redação, o próximo capítulo fala da produção de jornais. Todo

trabalho gráfico para se criar a imagem de um jornal e também da diagramação feita diariamente nas redações.

## 6 PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO GRÁFICA

Segundo Baer (2005, p. 12), “produção gráfica é o roteiro, o fio condutor do conjunto das operações que compõe o processo gráfico e geram hoje o impresso acabado”. As artes gráficas passam atualmente por um momento de transição entre a alta tecnologia que evolui a cada dia e a produção gráfica que se mantém firme nos dias atuais.

A visualização de um projeto gráfico se faz inicialmente na forma de esboços sintéticos, que captam e resumem de maneira quase “taquigráfica” os elementos de uma idéia criativa. Nessa fase, é necessário o contato íntimo e imediato da mente do comunicador, o suporte aproveitado para cacolher sua concepção, com o instrumento utilizado para efetuar tal registro. Os computadores de hoje não preenchem esse requisito, mas podem servir para realização de layouts aprimoradíssimos, orientados pelos esboços. (BAER, 2005, p. 12)

De acordo com Barbosa e Zanutto (2004), o progresso de experimentação das técnicas de comunicação vem desde os anos 70, gerou possibilidades de difusões e também de possibilidades de informações. Os veículos de comunicação foram impulsionados principalmente se falando em mídia eletrônica. O que fez que os jornais adotassem novos centros gráficos com intuito de acompanhar esta nova tecnologia gráfica. Hoje existem máquinas de última geração.

Os designers trabalham atualmente até dentro de sua própria casa, basta estar em frente a um computador. A produção gráfica, segundo Baer (2005), avalia a competência, pontualidade e estudos fornecidos para contratar serviços e materiais necessários. O trabalho de um produtor segue duas linhas: a primeira que está diretamente ligada à contratação de serviços e a segunda ao acompanhamento do trabalho de pré e pós-impressão. E a diagramação dos designers passou a contribuir diretamente para a apresentação da estética e leitura funcional de todos tipos de impresso.

Alguns elementos gráficos muito utilizados no jornalismo impresso são: título, linha fina, box, olho, cabeçalho, o próprio texto, as cores utilizadas e informações fotográficas.

A contratação dos serviços e materiais não inclui negociação com ilustradores, fotógrafos e outros especialistas, cujo trabalho será solicitado e supervisionado pelo próprio produtor de arte. Essa tarefa exige um embasamento técnico-artístico que não está incluído no currículo do produtor gráfico. [...] seu desempenho e suas atribuições estarão sujeitos à orientação e aprovação do diretor de arte ou de criação, aos quais deverá reportar-se (BAER, 2005, p. 17).

Para Baer (2005), as funções de um planejamento exigem muito mais que um projeto. É necessário um trabalho de marketing que ajuda na criação desses planejamentos e traçam as diretrizes propostas pelos clientes, que analisam o mercado, produto, mídias, administração de finanças, atendimento, aspecto visual do da idéia, estúdio e tráfego.

Segundo Barbosa e Zanutto (2004), a estética de um projeto gráfico é a peça chave do sucesso do design, pois provém do equilíbrio entre os estilos simétricos e assimétricos da página.

A preparação de uma arte-final tem como principal objetivo a colocação de cada grafismo (texto e imagens) em sua feição, posição e medidas definitivas, dentro do espaço previsto na diagramação de um original. [...] Algumas dessas linhas indicam o lugar onde vão ser realizadas as operações de pós-impressão, essenciais para o acabamento de todo impresso (BAER, 2005, p. 22).

Portanto, planejamento gráfico é toda pré-produção de como um jornal será estruturado, como será seu layout, que cores e tipografia serão utilizadas.

De acordo com Baer (2005), o projeto gráfico é a idéia inicial do corpo visual que abrigará o texto, ele precisa ser bem elaborado para que a mensagem possa ser transmitida por todos os elementos visuais. Ele dá a linha de pensamento ao leitor além de caracterizar o meio de comunicação. Todo projeto possui um guia que sustenta a arte-final, que é demonstrado através de marcas

como: margem de corte, margem de sangria, marcas de centro, marcas de dobra, marcas de picote e de registro, para uma boa impressão.

### **6.1 Formato Berliner**

Segundo Hofmann (2008), “o jornalismo de leitura rápida [...] o formato denominado berliner é o meio-termo entre o tablóide e o tamanho convencional, o standard”. Com 24,5 x 40 centímetros ou 5 colunas de 4,5 centímetros é dado o tamanho deste jornal. O Standard possui entre 60 cm x 38 cm e 75 cm x 60 cm e o tablóide, cerca de 38 cm x 30 cm. Estes são os tamanhos mais comuns de impresso que existem.

Um ponto positivo do formato é apoiada na praticidade para manusear e carregar, além de ser mais agradável aos olhos de uma nova geração de leitores, acostumados a leitura de textos da internet, é uma nova forma de jornal. Sustenta-se ainda no preço, já que possui valores acessíveis.

De acordo com Hofmann (2008), Targino e Gomes (2008), pesquisas recentes demonstram que o jornalismo impresso no Brasil vive um momento histórico, enquanto o mundo se preocupa com a diminuição de leitores dos chamados jornais tradicionais, o país vive um crescimento vertiginoso de novos formatos jornalísticos, identificados por um novo jeito de se fazer jornais.

O formato berliner se adapta a este jornal contemporâneo que invade as cidades, com uma leitura rápida, agradável, dinâmica e simples, com muitas ilustrações é como se a página da internet estivesse nas mãos dos leitores. O jornalismo acompanha as evoluções tecnológicas e o avanço da ciência, mantendo-se assim firme em seu cargo de jornal impresso, sem perder para outras mídias.

## 6.2 Paginação

Para Bahia (1990), a paginação é tão antiga quanto os livros e há anos são montadas dentro da própria redação do jornal. “O processo eletrônico permite aos editores preparar as matérias para edição, desenhar e montar páginas em um terminal da redação e enviar pronta para impressão”. Saber organizar graficamente elementos visuais para poder se levar à impressão.

A paginação é mise-en-page, layout, arte formal, expressão de relações plásticas. Um forte senso estético predomina nela ao reunir as atividades artísticas do paginador, do desenhista, do diagramador na fase de execução. [...] O termo paginação, embora amplamente usado para eletrônica, conta com a tipografia artesanal e quer dizer a montagem de títulos, notícias e ilustrações. O termo diagramação significa isso também, mas tende a exprimir mais corretamente que a montagem da página se relaciona com uma estética que não se limita aos elementos gráficos, mas inclui a produção editorial. A diagramação está num estágio superior à paginação. Um jornal não pode deixar de ser paginado mas pode deixar de ser diagramado (BAHIA, 1990, p. 116).

A arquitetura dos conteúdos que compõem um jornal como ilustrações, títulos e textos fazem parte do processo de paginação. Segundo Bahia (1990), enquanto o paginador precisa ter apenas o conhecimento gráfico, o diagramador tem a necessidade de conhecer os termos jornalísticos e de redação.

O diagramador trabalha com um conjunto de artes e técnicas mais extensivo do que o paginador. Como proporções, contrastes, equilíbrio, coordenação, ritmo, unidade. Além dos tipos de letras, medidas e pontos tipográficos, formatos ornamentos, linhas dominantes, cores de texto e de fotografias, dublês, grisês, chapados, negativos, encaixes (BAHIA, 1990, 117).

O layout é fator fundamental da paginação ou diagramação de um jornal, pois abrange tudo o que está na proposta visual do projeto. É como organizar o texto e a imagem dentro das páginas. Segundo Bahia (1990), é o design, objeto da mensagem visual obtida pela disposição na página, que chama a atenção e sensibiliza. Ainda de acordo com Bahia (1990), pela consideração do

hábito de leitura e o movimento do globo ocular o primeiro lugar de atenção, chamado de zona primária é a do canto esquerdo do alto da página, seguindo para o canto direito no inferior da página, para o superior direito e depois para o inferior esquerdo, o centro fica como sexto colocado na visualização de um impresso.

### **6.3 Designer Gráfico**

Segundo Hurlburt (2002), hoje em dia o designer gráfico está envolvido num complexo processo de estudo e de avaliação de múltiplos elementos, antes de reunir o texto e a arte-final.

Antigamente a única coisa que se esperava do designer gráfico e do diagramador era colocar as propostas e idéias visuais do jornal no papel. O impresso precisa estar disposto de forma clara e simples e agora espera-se um projeto elaborado de acordo com os interesses do meio de comunicação, com estudos em cores e tipografia para que seja feito um trabalho claro e informativo, de agradável visualização. O design só tem um bom resultado quando se tem pronta a síntese de dados úteis, estes, traduzidos em palavras e imagens projetados de forma dinâmica. Segundo Hurlburt (2002), “O êxito depende muito da aptidão do designer reunir os princípios básicos de comunicação visual com a destreza, a experiência acumulada e talento inato”.

O conceito, ou idéia, ocupa a posição central síntese do design. Alicerçado na informação pela pesquisa, ele é influenciado pela compreensão das condições sob as quais a mensagem será recebida pelo conhecimento de sua “continuidade” ou ligação coerente com outros materiais. Juntos, todos esses elementos constituem base sobre a qual as palavras e as imagens podem ser organizadas de modo a ser obtido um layout de real valor (HURLBURT, 2002, p. 94).

## 6.4 Tipografia

Para Hurlburt (2002), a tipografia é o principal elemento da página impressa, e por isso atinge o ponto mais alto de prioridade no design, é considerado uma necessidade dentro de uma redação, pois uma má escolha de elementos visuais pode comprometer a leitura de um jornal.

O designer deve estar preparado não apenas para ler as palavras que vão fazer parte do seu layout, mas também para entendê-las. Ele deve, também, dar sua contribuição com idéias e sugestões quanto ao conteúdo das palavras. (HURLBURG, 2002, p. 98)

Com a tecnologia atual, os computadores oferecem uma ampla opção de escolha de tipos, isso permite aos designers ter idéias e fazer experiências que antes jamais seriam possíveis.

Hoje, o designer sabe sobrepor e intercalar letras sem cortar nada. Mesmo dentro de uma determinada família de tipos ele possui uma enorme variedade de opções: alternar caracteres, condensar letras, incluir símbolos especiais, emblemas, ornamentos, etc. Com a ajuda do computador, o designer tem muitas possibilidades de experimentar novos tipos de composição. É possível controlar o espaço entre letras, entre palavras e entre linhas (HURLBURG, 2002, p. 99).

Dentro de um jornal impresso a tipografia também deve ser clara para ser bem entendida, de fácil leitura. De acordo com Hurlburg (2002, p. 107), a legibilidade é fator fundamental dentro de um produto impresso. “Existem muitos estudos de legibilidade comparada e cada estudo parece surgir com diferenças muito pequenas. Para o designer a melhor solução é usar seu material de tal forma que consiga despertar o interesse e o convite à leitura”.

De acordo com Hulburg (2002) O designer deve estar preparado não apenas para ler as palavras do layout e sim para entendê-las. Alguns aspectos da tipografia conhecidos são: alinhados à esquerda ou à direita, ascendente, composição a frio e a quente, corpo, descendente, entrelinhamento, egípcio,

etrusco, face, fonte, justificativa, olho de um tipo, paica, ponto, romano antigo e moderno e transicional. Ainda de acordo com Hullburt (2002), a utilização ou não de serifas pode induzir e atrair à leitura. A legibilidade continua a ser fator importante para compreensão da mensagem, e para o designer utilizar o material para que a leitura seja convidativa é ainda a melhor solução.

## 6.5 Cores

Segundo Guimarães (2003), nos textos visuais jornalísticos, as cores possuem funções específicas sendo divididas em dois grupos. O primeiro compreende as sintaxes e relações taxionômicas cujo o princípio são paradigmas de como organizar, chamar a atenção, destacar, planos de percepção, hierarquizar informações e direcionar a leitura. O outro compreende as semânticas, como simbolizar, ambientar, conotar e denotar.

A organização das cores tem o poder de transferir o significado para grupos de informação ao qual foi designado. A divisão de universos; feminino e masculino por exemplo, na qual o vermelho segue a linha feminina e o azul a linha masculina.

A cor torna-se informação toda vez que designar o papel de hierarquizar e direcionar a informação.

No todo do padrão visual, as cores se antecipam às formas e aos textos. Quanto maior o potencial de informação das cores (força semântica e clareza na identificação dos matizes), maior será a antecipação da informação cromática em relação aos outros elementos figurativos e discursivos do padrão. Se considerarmos que uma capa de jornal ou de revista é inicialmente vista, muitas vezes, a uma distância maior do que quando está nas mãos do leitor – portanto, desfavorável à “leitura” dos detalhes de formas ilustrativas e dos textos – as cores irão informar, em primeira mão, qual é a notícia principal da edição. Não só a natureza informativa do jornal ou da revista é favorecida, como a sua natureza mercadológica: a atenção do leitor foi conquistada (GUIMARÃES, 2003, p. 37).

Para Guimarães (2003), o mínimo de um jornalismo com transparência, e dar o direito ao leitor de saber a natureza da informação, principalmente se for opinativa.

Quando se procura desvendar mensagens subliminares no jornalismo é necessário mais cuidado. Primeiramente, porque em princípio as informações jornalísticas diferem da natureza persuasiva da propaganda e o subliminar seria antijornalismo. E, depois, porque corre-se o risco de atribuir subliminaridade àquela informação que é evidente ou que foi criada para ser evidente, que usa recursos como fusões de imagens, formas, letras e cores que combinadas se referem diretamente a outra figura, cores que remetem a algo que acrescentava valor à imagem, etc (GUIMARÃES, 2003, p. 52).

Em nome do jornalismo, o cuidado com as cores e as informações deve ser bem estudado para que não influencie na escolha pessoal ou pensamento do leitor e só cumpra sua função básica de acrescentar informação e chamar atenção para a notícia.

É possível oferecer àqueles que trabalham a informação no dia-a-dia o necessário para que, neste caso específico do uso da cor-informação, contribuam para uma mídia mais transparente, ética e responsável. Se, juntamente com essa dimensão responsável, houver o aumento do uso, e ao mesmo tempo, a diminuição dos erros da cor-informação na mídia, o receptor começará, com o tempo, a diferenciar a cor-informação dentre os vários elementos que compõe a mensagem (visível e invisível) que ele recebe periodicamente. Assim, estaremos alternando o contrato firmado entre mídia e sociedade e diminuindo o uso coercivo da cor (GUIMARÃES, 2003, p. 58).

Este capítulo abordou todo teor da parte gráfica básica de um jornal impresso, desde a definição de um designer à necessidade da boa escolha em tipos e cores. Também explicou sobre o formato escolhido, por sua modernidade e o constante uso atual. O trabalho da diagramação e sua importância para o mercado de trabalho. A seguir será abordado o Memorial Descritivo que contará todas as etapas de produção do TCC.

## 7 MEMORIAL DESCRITIVO

Optar por um projeto de pesquisa é sem dúvida, no início, uma tarefa complicada. As dificuldades surgiram logo na escolha do projeto. Sem me interessar por qualquer ideia que a turma tenha dado, optei pelo trabalho solitário. Houve sim uma tentativa de ingressar em um grupo da turma da noite, mas os horários e a situação, na qual me encontrava na época, foram incompatíveis fazendo com que eu procurasse meu próprio caminho.

O curto período de tempo para produzir o pré-projeto, aliado ao estágio e às provas finais, faziam meus dias serem praticamente enlouquecedores. Por muitas vezes pensei em desistir, mas com o apoio dos professores, em especial a Thaisa Bacco, que por mais que me assustasse com as palavras certas, não me deixou largar mão. Pois bem, corri atrás de diversos livros, conversei com muitas pessoas e o único tema que eu tinha em mente era cultura.

Até que em uma certa tarde o Sesc me veio em mente. De início, um trabalho fotográfico que registrasse apenas as atividades culturais da unidade de Prudente, fui insistente em minha ideia. Produzi todo o pré-projeto em quase vinte dias. Confesso que as dificuldades foram maiores de conteúdo, pois eu não frequentava as aulas de forma adequada e realmente eu precisava delas. O que não me fez desistir no momento.

Fui até a biblioteca, peguei alguns livros sugeridos pelos professores, alguns livros sobre fotografia e comecei a produzir o trabalho. A cada página surgia uma dúvida diferente. A professora Thaisa mantia-se disponível aos alunos todos os dias da semana, o que me ajudou muito no esclarecimentos das dúvidas diárias.

E claro que ela me ajudou. Com muita calma, me explicou detalhadamente que eu precisaria passar por uma avaliação de Conselho, antes de poder me apresentar para a banca no 7º termo.

A banca de qualificação foi no 16/06/2009, eu não sabia nem por onde começar a sentir medo. Não estava tão firme quanto acreditava. Pois bem; fui a última a ir para a avaliação e para a minha surpresa meu trabalho não era consistente; nem viável o suficiente para se tornar um TCC. É claro, fui reprovada!

Mas para mais uma surpresa ganhei minha segunda chance, fiquei feliz por ver meus professores acreditando no meu potencial.

O professor Homéro Ferreira e o professor Rogério do Amaral abraçaram minha causa e me adotaram como orientanda. Tive então uma semana para reestruturar todo o pré-projeto e me reapresentar na banca. De trabalho fotográfico a suplemento de jornal impresso. Surgiu então o *Palco Cultural*, que contaria a história do Sesc Prudente.

Fui para a segunda banca. Aprovada e fiquei feliz por ter uma chance de produzir o TCC de um jeito que me faria feliz.

## **7.1 Corte Teórico**

Logo no começo das férias fiquei responsável por fazer o referencial metodológico e o capítulo sobre cultura. Levei uns dias pesquisando, me enrolei muitos outros dias e finalmente depois de descobrir que estava suspensa da biblioteca. Começar nem sempre é fácil, claro que o pequeno passo estava dado com o pré-projeto e eu não tinha ideia do tamanho do trabalho que eu faria nos próximos meses.

Fiz meus capítulos, levei aos orientadores e assim foi: corrige aqui, traz capítulo novo ali. Até que um dia eu simplesmente quis desistir; por ter uma semana improdutiva, sem vontades e também nada me motivava a continuar. Eu estava sem o material necessário para trabalhar: o computador quebrado, e cheguei por vezes perder o trabalho já escrito e novamente começar.

Todos esses fatores, fora o não apoio moral familiar me fizeram querer desistir. Decidi então conversar com a Thaisa e meus orientadores, sobre o que fazer e eles me fizeram mudar de idéia.

Nas semanas seguintes meu foco era produzir; nada mais me importava. As maiores dificuldades apareceram nos capítulos de História da Cultura e no de Jornalismo Impresso. Foi doloroso. Por outro lado peguei o jeito e no embalo produzi bem e de acordo com o que eu gostaria de ter feito.

Ele terminou logo antes de ser finalizada a peça prática, e ocupou 90% do tempo de produção, pois sem o corte teórico o trabalho prático seria impossível. Porém, ele foi finalizado nos últimos segundos para a banca de correção.

## **7.2 A peça prática**

Quando fui liberada para fazer a peça prática era uma terça-feira, tinha acabado de chegar de viagem e não sabia como começar. Então, decidi pelo planejamento do projeto gráfico, escolhendo com meus orientadores o que seria designado a cada página e também das pautas, quem seriam as possíveis pessoas a serem entrevistadas.

Continuava sem material de trabalho como carro, computador e telefone mas terminei meu projeto gráfico e o mandei para o Eduardo Macedo que já começou a montar todo material.

Nesse tempo fiquei pensando nas pautas e nada me vinha em mente; já estava no final de semana e eu tinha só algumas idéias. Na outra terça na orientação a bronca e o aviso de que eu estaria atrasada e ai tudo realmente começou a complicar. O que fazer quando não se tem como trabalhar, e o tempo está acabando?

Saí da orientação direto para o *Oeste Notícias* para pegar contato de pessoas que poderiam me dar entrevistas sobre o Sesc Prudente; depois direto

para a casa do avô passar a tarde no telefone marcando as pautas para o antes possível, todas fechadas em três dias.

O próximo passo disso tudo era começar a entrevistar as pessoas, fui a pé até o Lugar das Artes entrevistar a atriz Cida Camargo e o ator e professor Thiago Cardoso. Chegando lá, não encontrei problemas com os entrevistados, e tudo correu normalmente. Saí novamente a pé direto para a casa de uma amiga que havia me emprestado o computador para fazer o TCC. Passei a noites em claro. Na quarta-feira, acordei e fui a Faculdade organizar meus horários e pedir ajuda porque estava começando a me dar medo.

Depois de ir conversar com a Thaisa fui até o Matarazzo para a primeira entrevista com o professor de Hip-Hop Leonardo Ferreira, muito legal e muito divertido, me surpreendi como o Matarazzo evoluiu desde a última vez que estive lá.

Às 11h, peguei um moto-taxi e me dirigi até o Sesc para entrevistar a Aline Uehara, responsável pelas aulas de dança de salão. Nesse tempo, também fiz o fala povo com o pessoal que estava por lá. O difícil deste tipo de entrevista é que realmente algumas pessoas fogem de você e dão a desculpa mais esfarrapada do mundo, “não posso, já estou indo embora; é minha hora e estou com muita pressa”. Você deixa passar e depois de 15 minutos olha e pessoa está lá no mesmo lugar com a maior calma do mundo.

Voltei para o Matarazzo para uma maratona de reportagens com Fabio Nogueira, Denílson Biguete, Cláudio Dolcemasculo e outras pessoas que tiveram envolvimento com Fentepp, Sesc e Virada Cultural, esta tarde fluiu tranquilamente como um dia normal de trabalho o único problema era como ir e voltar de um lugar para o outro.

O desespero começou a bater eu sabia que meu tempo era curto que eu tinha realmente que entregar tudo para a banca de correção. Na sexta-feira eu já havia finalizado 90% de todas as matérias, mas ainda faltavam algumas pessoas da música e claro o Paulo Miguel recusou a entrevista porque disse que não seria jornalismo entrevistar meu próprio professor, pai de uma amiga minha para um TCC da Faculdade.

Enquanto eu finalizava o trabalho, precisei mandar para a paginação o corte teórico antes da correção dos professores, a qual finalizaria no sábado. Neste pé do campeonato, achando que nada daria mais certo, que de nada valia meu trabalho, com dores de estômago, sem dormir a não ser que fosse pra sonhar com a banca me reprovando eu continuava a fazer o trabalho.

As partes engraçadas e coisas inusitadas que geralmente acontecem com o TCC, me fizeram chorar, por mais que fazer um trabalho sozinha seja mais fácil pela disponibilidade de tempo, quando algo dá errado pra você, não tem quem te socorra.

A meta era na segunda-feira deixar tudo pronto para o dia 26, para que os orientadores corrigissem todo o trabalho, pegá-lo na quinta ou sexta, arrumar para no sábado imprimir e deixar tudo pronto para a terça-feira, dia 4.

No sábado fui até o Sesc terminar o fala povo que era a única coisa que restava, bem divertido e produtivo mesmo de baixo de um temporal.

Cheguei em casa por volta das 19h30 e fui direto para a casa do paginador Eduardo Macedo ficamos até meia noite montando uma parte do jornal, no outro dia combinamos de nos encontrar às 9h da manhã.

Todas as cores e a tipografia do jornal foram baseadas nos livros de divulgação do Sesc. Para manter o trabalho de acordo com o que a unidade utiliza para divulgar seu trabalho. O importante era não perder as características do Sesc.

Outro ponto importante da peça prática é a necessidade de vida que que pede. Ter um trabalho histórico com cores vivas e interessantes atraem o leitor, pois são convidativas e agradáveis ao mesmo tempo.

Achei que tudo seria muito rápido, mero engano, passamos o dia todo tratando fotos e arrumando o jornal, ficamos sem almoço, fixados na edição.

Fiquei feliz com a dedicação que ele teve na montagem do jornal, poucas coisas precisaram ser cortadas, os textos já estavam de acordo com o tamanho das páginas precisei cortar apenas um deles, só um Box. Enfim, terminamos era 18h, cheguei em casa para conferir se estava tudo ok e passei para terminar a peça teórica e arrumar os últimos detalhes e claro meu e-mail

estava com um vírus precisei deletar 800 mensagens quase comprometendo partes do meu trabalho que lá estavam salvas.

Depois de tanto brigar com o computador, o carro, a família, a faculdade, os professores, os amigos e comigo mesma consegui montar o jornal *Palco Cultural* exatamente da forma como havia imaginado desde o dia em que a idéia surgiu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho não gera nenhuma conclusão fixa, apenas reafirma que o Sesc Prudente trouxe grandes mudanças para área cultural da cidade. Com suas atividades gratuitas e prestações de serviço de saúde, esporte, lazer e também sua parceria com a Secretaria de Cultura da cidade com eventos como o Fentepp e a Virada Cultural.

O Sesc, de acordo com os depoimentos dos entrevistados na peça prática, deu imagem à Prudente, e em dois anos cresceu possibilitando a qualquer pessoa freqüentar o ambiente e participar de suas atividades.

Trouxe grandes nomes para a cidade e também criou uma rotina de atividades culturais que antes não existia. O que incentiva não só a população a assistir os eventos, mas também quem sonha em trabalhar na área. Para os artistas locais, o Sesc é uma porta de entrada, pois uma vez dentro de sua programação têm a possibilidade de viajar para unidades de outras cidades e mostrar seu trabalho.

Além disso, o Sesc prova ter um trabalho comprometido ao trazer apenas profissionais da área para apresentações, aulas, workshops e cursos. O que foi comprovado com a peça prática *Palco Cultural*, considera-se que os objetivos de resgatar o trabalho do Sesc, identificar sua contribuição para a cultura local, vivenciar a prática jornalística e mostrar a democratização do acesso à cultura, materializam-se no suplemento impresso.

Nos eventos o Sesc entra com ajuda de custo e grande indicação de artistas para se apresentar na cidade, cede equipes para trabalho e atua diretamente dentro destes eventos.

A única coisa que se pode concluir é que a chegada do Sesc trouxe novas experiências transformando o panorama sócio-cultural de Presidente Prudente e que pretende melhorar seus serviços cada vez mais, para melhor qualidade de consumo de seus frequentantes.

O trabalho serve hoje como fonte histórica da cidade de Prudente envolvido diretamente na área cultural em meio à grande evolução que tem ocorrido nos últimos anos. Também serve como arquivo de estudo para estudantes da área de jornalismo que procuram aprofundar-se em um trabalho tanto de jornal especializado, na área de cultura e também jornalismo impresso.

Montar um jornal impresso não é tarefa fácil, porém, prazerosa ainda mais se é feito dentro da área de interesse do aluno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAER, Lorenzo. **Produção Gráfica**. São Paulo: SENAC, 2005.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica** – História da Imprensa Brasileira. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990, 2 V

BARBOSA, André Luis; ZANUTTO, Lucas. **Projeto Experimental “Revista Consulta”**. Presidente Prudente, São Paulo, 2004. 95p. Unoeste TCC (Graduação) Universidade do Oeste Paulista Jornalista Roberto Marinho.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ELLMERICH, Luis, **História da Dança**. 3. ed. São Paulo: Ricordi, 1964.

ELLMERICH, Luis, **História da Música**. 5. ed. São Paulo: Fermata, 1987.

EPSTEIN, Isaac. Ciência, poder e comunicação *in*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FEDELI, ORLANDO. **Cultura popular, cultura de elite, cultura de massa**. 2007. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/inde.php?secao=veritas&subsecao=arte&artigo=cultura&langa=braonline>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

**FESTIVAL Nacional de Teatro de Presidente Prudente (FENTEPP)**. 2009. Disponível em: <<http://www.fentepp.com.br/fentepp.asp>>. Acesso em: 12 set. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de Pesquisar**: como fazer uma pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMBRICH, Ernest Hans. **História da Arte**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GUIMARÃES, Luciano. **As Cores na Mídia**. São Paulo: Anablume, 2003.

HOFMANN YASMINE: **Jornal de “Minuto” ou o minuto do jornal?** 2008 // Disponível em: <[http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/HOFMANN\\_yasmine.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/HOFMANN_yasmine.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2009.

HURLBURT, Allen. **Layout: o desing da página impressa**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2002.

JUNIOR, José Ferreira. **Evolução Gráfico Visual das Mídias Impressas Brasileiras**. Florianópolis - SC. 2004. Texto Científico Universidade Federal de Santa Catarina.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de pesquisa e entrevista jornalística**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAKATOS, Maria Eva e MARCONI, Marina de Andrade;. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, Maria Helena Pires. **Educarede**. 1995. Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/oassuntoe/index.cfm?pagina=interna&id\\_subtema=1/#maquina7](http://www.educarede.org.br/educa/oassuntoe/index.cfm?pagina=interna&id_subtema=1/#maquina7)>. Acesso em: 23 ago. 2009.

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. **Maneirismo**. 2005. Disponível em: <<http://www.historiadaarte.com.br/linhadotempo.html>>. Acesso em 28 ago. 2009.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Ática, 2002.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura?** 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SERVIÇO Social do Comércio (SESC). **História do Sesc**. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/main.asp?ViewID={8168325E-BE8D-4973-9280-57E680D0CB36}&u=u>>. Acesso em: 25 ago. 2009.

SERVIÇO Social do Comércio (SESC). **História do Sesc Prudente**. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/busca/index.cfm?UnidadesDirector=4900&inslog=129>>. Acesso em: 25 ago. 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Mauad, 1995.

SOUSA, Pedro Jorge. **Elementos de jornal impresso**. 2001. Disponível em: <<http://193.136.64.248/~bocc/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em: 09 set. 2009.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica in: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

TISSITANE, CLÉO. **Falta título documento.** 2009. Disponível em: <http://www.destaquesp.com/index.php/Cultura/Especial/virada-cultural-paulista-2009.html>. Acesso em: 12 set. 2009.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O Mundo dos Jornalistas.** 3. ed. São Paulo: Summus, 1992.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural.** 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622001000200002&script=sci\\_arttext&lng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622001000200002&script=sci_arttext&lng=es)>. Acesso em: 23 ago. 2009.

## BIBLIOGRAFIA

BONI Paulo César. **O discurso fotográfico**: A intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. São Paulo: USP, 2000 / 306 p. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo – USP.

CARVALHO, Pérola. **História da música**. 2. Ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1961.

CIVITA, Victor. **A arte da música**: a linguagem musical, sua história, orquestra sinfônica, os instrumentos. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CRAIG, James. **Produção Gráfica**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1987.

DORT, Bernard. **O teatro e sua realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

MILLO NETO, Mario. **Produção Gráfica II**: papel, tinta, impressão e acabamento. São Paulo: Global, 1997.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.